

BEMVINDA

A VIDA ACONTECE POR AQUI

N. 20 - JULHO - 2026



JOÃOZINHO

O grande herói da maior conquista cruzeirense

Veja como jornalistas, torcedores conhecidos e diretores atuais acompanharam a épica campanha celeste e a emoção que sentiram depois do apito final da última partida

Conheça os planos do deputado Coronel Henrique para resgatar a memória do Cruzeiro, criar um histórico museu e introduzir no cenário belo-horizontino a Rota Cinco Estrelas

**Cuidado
especializado,
acolhimento
e comodidade.**



✚ Mastologia

✚ Ginecologia

✚ Obstetrícia

**Saúde integral
para a mulher.**



✚ MaterDei

Baixe agora
o app Meu Mater Dei
ou acesse:
meu.materdei.com.br



✚ **MaterDei**
Rede de Saúde

**com
você,
por toda
a vida.**

Meio século da maior conquista celeste

Bemvinda tem por propósito editorial não se envolver em assuntos que causam divisão social, sejam questões políticas, religiosas e, neste caso que suscita muita paixão, o futebol. Claro que cada um da nossa equipe tem as suas preferências e pode (e deve) exercê-la da forma mais livre e democrática que puder. A revista procura não se envolver, mas... há sempre exceções. E uma delas é quando existe um fato que merece uma comemoração, uma homenagem ou, até mesmo, para deixar registrado um documento que pode se tornar peça histórica na vida de uma instituição, empresa, cidade, estado...

É o caso desta edição de **Bemvinda**, que presta uma homenagem ao Cruzeiro Esporte Clube pela histórica conquista da Taça Libertadores da América de 1976. Ou seja, 50 anos atrás (a vitória final aconteceu em 30 de julho de 1976) o clube conseguia aquilo que, até então, só o grande Santos de Pelé havia obtido para o Brasil. E foi uma campanha épica, com jogos memoráveis, ataque arrasador, goleadas inquestionáveis e um pouco de tragédia, pois foi durante essa jornada que o clube perdeu um de seus mais queridos (e craques) jogadores para as trágicas estradas de Minas: Roberto Batata.

Aproveite, então, cada página desta edição especial para conhecer, ou lembrar, detalhes da emocionante conquista de 76. Sinta um pouco a paixão de torcedores conhecidos, a lembrança de jornalistas e dirigentes da época, veja ainda informações atuais sobre projetos do clube, e acompanhe uma bela entrevista com o craque Joãosinho, herói do título ao fazer o gol da vitória, e que veio dos Estados Unidos, onde mora atualmente, exclusivamente para ser homenageado. Prepare seu coração e aproveite!

Ronymarco Lemos
Diretor-geral



EXPEDIENTE



Foto capa: Reprodução Internet

Diretor-geral:

Ronymarco Lemos

Diretora de negócios e relacionamento:

Cristiane Nobre

Editor-chefe:

Silas Scalioni

Marketing:

Ana Luíza Freitas

Fotógrafo:

Alexandre Coutinho

Produção, edição e revisão:

Vero Comunicação

Projeto gráfico e diagramação:

Wind Estúdio de Criação

Colunistas:

Carlos de Campos, Fabio Baião, Gérson Lopes, Lucas de Simone, Maestro Marcos Arakaki, Marcelo Soares, Patrícia Alvarenga e Rachel Capucio.

Tiragem:

15 mil exemplares

Periodicidade:

mensal

Gráfica:

Companhia da Cor Studio Gráfico

Distribuição:

Correios, logística interna e nos ônibus executivos Conexão Aeroporto.

Sugestão de pauta e envio de press kit: marketing@revistabemvinda.com.br (31) 99739-4476

Anúncios, informes publicitários e parcerias: verocomunicacao.mg@gmail.com (31) 99231-7535 - Cris Nobre

Edições on-line em: www.revistabemvinda.com.br | **Instagram:** @bemvindarevista

BEMVINDA REVISTA LTDA - CNPJ 57.783.903/0001-03

Rua Jaboticabal, 888 sala 304 - Jardim América - CEP: 30.421-448 - Belo Horizonte/MG

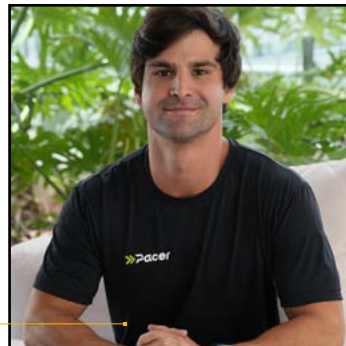
ÍNDICE BEMVINDA

6	<i>música</i>
7	<i>direito tributário</i>
8	<i>especial Libertadores 1976</i>
12	<i>entrevista</i>
18	<i>imprensa cabulosa</i>
28	<i>artigo especial</i>
32	<i>raposa na política</i>
40	<i>rota cinco estrelas</i>
42	<i>social azul e branco</i>
44	<i>história celeste</i>
48	<i>memória celeste</i>
50	<i>empreendedorismo azul e branco</i>
54	<i>torcida</i>



70

marketing



72

cinema

74

chef de minas



76

moda

78

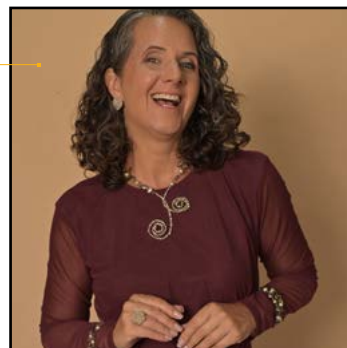
saúde

80

psicologia

81

sexualidade



82

social



JADIR AMBRÓSIO: TÃO COMBATIDO, JAMAIS VENCIDO

As manhãs de Belo Horizonte da década de 1940 sempre pareciam despertar ao som de uma melodia invisível. Entre ruas de paralelepípedos, antigos bares, rádios, praças e clubes dançantes, um homem caminhava levando consigo mais do que seu instrumento: carregava a própria alma da música popular mineira. Seu nome era Jadir Ambrósio.

Nascido em Vespasiano, ainda menino mudou-se para Belo Horizonte, cidade que se transformaria no palco de sua história. Desde cedo descobriu que a música possuía uma força capaz de unir pessoas, aliviar tristezas e eternizar memórias. Primeiro vieram o violão e os estudos musicais; depois, o trombone, instrumento que se tornou sua marca registrada nas orquestras de baile, nas emissoras de rádio e nas noites boêmias da capital mineira. Os clubes recebiam grandes bailes e os bairros tradicionais, como Lagoinha e Cachoeirinha, reuniam sambistas, compositores e sonhadores. Jadir era presença constante nesse universo. Tocava, compunha, ensinava e, sobretudo, incentivava novos artistas a acreditarem no próprio talento. Sua casa e seu violão tornaram-se pontos de encontro para músicos que buscavam inspiração e oportunidade.

Seu coração, entretanto, sempre bateu mais forte pelo samba. Embora tivesse escrito boleros, baiões, xotes e canções sertanejas, era no samba que encontrava sua verdadeira identidade. Cada composição parecia contar um pedaço da vida do povo mineiro: as amizades, os amores, as festas populares e a saudade de uma cidade que mudava rapidamente, mas nunca deixava de cantar.



Foi também como mestre que Jadir escreveu uma das páginas mais importantes da música de Minas Gerais. Quando uma jovem de voz firme e olhar tímido apareceu para cantar, ele reconheceu imediatamente um talento raro. Chamava-se Clara Nunes.

Jadir a incentivou, orientou seus primeiros passos e abriu-lhe as portas das rádios de Belo Horizonte. Ele foi o primeiro negro a estudar no Conservatório Mineiro de Música e seu talento foi reverenciado por Juscelino Kubitschek, que o incluía nas serestas que promovia. Jadir permaneceu em Belo Horizonte e trabalhou durante muitos anos na prefeitura da capital, conciliando o serviço público – fonte segura de renda – com a intensa vida artística. Para ele, fazer música era uma missão, não apenas uma profissão.

Seu talento ultrapassou as fronteiras do samba. Compôs centenas de canções gravadas por importantes intérpretes da música brasileira, entre eles Luiz Gonzaga. Jadir ajudou a construir um ambiente artístico que permitiu o surgimento de novos compositores e intérpretes, tornando-se uma referência para diferentes gerações. Ambrósio faleceu em 2014 aos 91 anos e seu legado permanece como símbolo da riqueza cultural de Belo Horizonte e da força da música popular brasileira.

E o que o Jadir Ambrósio tem a ver com a Bem-vinda de julho? Em 1965 o mestre perpetuou seu talento para a eternidade compondo letra e melodia do Hino do Cruzeiro Esporte Clube, composição que atravessou gerações e permanece viva na memória de milhões de torcedores. Assim, sempre que um samba nasce nas esquinas da capital mineira ou que um torcedor canta emocionado o hino do Cruzeiro, é como se Jadir Ambrósio voltasse a caminhar pelas ruas da cidade, sorrindo discretamente, certo de que a verdadeira arte nunca termina: ela apenas encontra novas vozes para continuar sua história.



♦ Maestro Marcos Arakaki ♦

Maestro, professor, palestrante e regente da Orquestra Parassinfônica de São Paulo. É doutorando em Estudos Artísticos na Universidade de Coimbra e autor dos *best-sellers* *A História da Música Clássica Através da Linha do Tempo* e *Conhecendo a Orquestra – Os Instrumentos*. Reside em Sevilla.

📸 @arakakimarcos

CRUZEIRO, 50 ANOS DEPOIS

Entre o Direito Societário e o Direito Tributário do futebol

Em 30 de julho de 1976, em Santiago, o gol de Joãozinho fazia do Cruzeiro o segundo clube brasileiro campeão da Libertadores. Meio século depois, o clube tornou-se também um laboratório jurídico: o primeiro grande case de dissociação entre a reestruturação societária e o novo regime tributário do futebol brasileiro.

A Lei 14.193/2021 não extinguiu dívida nenhuma por decreto. Criou dois trilhos independentes. Um cuida do passivo histórico do clube-associação (arts. 9º a 25); outro tributa, de forma específica e favorecida, a Sociedade Anônima do Futebol constituída para operar dali em diante (arts. 31 a 33, o Regime de Tributação Específica do Futebol, TEF).

No primeiro trilho, a lei oferece ao clube uma escolha exclusiva (art. 13): o Regime Centralizado de Execuções (RCE) ou a recuperação judicial da Lei 11.101/2005, hoje expressamente incompatíveis entre si, já que o deferimento da recuperação judicial extingue automaticamente eventual RCE em curso (art. 25, §2º, incluído pela Lei 15.427/2026). O RCE organiza a fila de credores e repassa 20% da receita mensal da SAF (ou 50% dos dividendos) ao clube, por até seis anos, prorrogáveis por mais quatro, mas não repactua nem reduz o crédito, salvo adesão voluntária a deságio. Diante de passivo superior a R\$ 1 bilhão, heterogêneo entre credores trabalhistas, cíveis e tributários, a Associação Cruzeiro optou, em julho de 2022, pela recuperação judicial clássica, com plano aprovado em assembleia em junho de 2023, deságios e pagamentos projetados até 2033. Era a via concursal, com novação



e força sobre credores dissidentes, que o porte da dívida exigia; o RCE, criado pela própria lei da SAF, mostrou-se insuficiente para uma crise dessa dimensão.

O segundo trilho segue à parte: a Cruzeiro SAF recolhe, sob o TEF, 5% da receita mensal nos cinco primeiros anos e 4% depois, unificando IRPJ, PIS, CSLL, Cofins e contribuição patronal, benefício que independe de qual caminho a associação escolheu para o passado. É a lei olhando, ao mesmo tempo, para trás, ao passivo, e para a frente, à operação.

Há ainda um prazo simbólico: a Lei Complementar 214/2025 revoga o TEF a partir de 2027. O ano em que o Cruzeiro celebra meio século de conquistar a América é também o último do regime fiscal que ajudou a profissionalizar o clube que a conquistou.



◆ Lucas De Simone ◆

Advogado e sócio da Olivieri & De Simone – Advocacia Estratégica; diretor da Patrimonialis – Planejamento Patrimonial; e Presidente do Instituto Brasileiro de Planejamento Patrimonial e Tributário – IBPPT.

 @olivieridesimone_

Especial Libertadores 1976

POR Silas Scalioni



A AMÉRICA SE RENDE AO CRUZEIRO

A maior conquista cruzeirense encantou o continente e encheu de orgulho a nação azul. Até hoje todos sabem de cor aquele time técnico e avassalador

Os mais novos podem até não saber, mas em 1976, quando o Cruzeiro conquistou com brilhantismo a Copa Libertadores da América, o Brasil era um país bastante diferente de hoje. Vivíamos um momento político difícil, onde o regime de exceção do governo militar que tomou o poder em 1964, então presidido pelo general Ernesto Geisel, dava apenas sinais de abrandar a grande repressão que sofria quem era contra a situação. Nossa moeda era o Cruzeiro (tudo a ver), e o fato mais marcante ligado à política nacional, naquele ano, foi a morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek, num acidente de carro, na Via Dutra, entre o Rio e São Paulo.

Foi no ano de 1976 que nasceu um dos maiores jogadores do futebol brasileiro, revelado pelo Cruzeiro: o melhor do mundo por três vezes e campeão mundial com a Seleção Brasileira Ronaldo Fenômeno. Foi neste ano também que nasceu na Argentina outro grande jogador, que mais tarde, no início dos anos 2000, seria ídolo na equipe celeste: o grande Juan Pablo Sorín. E foi ainda em 1976 que era formada a banda irlandesa U2, talvez inspirada pelos doces ares de vitória que sopravam por aqui.

Para o torcedor cruzeirense, no entanto, isso são meros acontecimentos, pois o que importa mesmo é que 1976 foi o ano da maior conquista

do clube. Uma vitória que mostrou para o Brasil e para o continente a grandeza do esquadrão celeste e matou de inveja muitos adeptos der outros clubes. O Cruzeiro montou um time fantástico, que encantou a América e tinha mais é que conquistar a taça, com nomes com Nelinho, Piazza, Jairzinho, Palhinha, Zé Carlos, Eduardo, Roberto Batata e o grande Joãozinho, entre outros.



Reprodução Instagram @cruzeiro



Reprodução Instagram @cruzeiro



Divulgação

Máquina azul

Foi mesmo uma conquista épica, que tornou o Cruzeiro o único clube brasileiro a vencer o torneio na década de 1970. O primeiro depois das vitórias do grande Santos na década de 1960, quando era, sem dúvidas, o melhor time do mundo. A campanha celeste ficou marcada pelo ataque avassalador que mostrou, tendo até mesmo de superar o luto pela morte do atacante Roberto Batata, um craque e jogador admirado pelos colegas.

Era mesmo uma verdadeira máquina de fazer gols: foram 46 gols em apenas 10 jogos, uma marca de dar inveja em qualquer outro ataque da América. O artilheiro daquela edição foi o saudoso Palhinha, que anotou 13 gols. Joãozinho, pelo que fez em campo nas partidas em que atuou e pelo gol do título, certamente pode ser considerado o grande destaque da campanha.

A final, como é de conhecimento geral, foi contra a poderosíssima equipe do River Plate, então quase a seleção argentina que seria campeã do mundo dois anos depois. Foram três jogos para se definir o campeão. No último deles, a Raposa chegou a abrir 2 a 0, mas a garra argentina e a ajuda do juiz fizeram com que o jogo ficasse empatado. Mas só até os 43 minutos do segundo tempo, quando o bailarino Joãozinho definiu o placar cobrando falta.

Nas páginas seguintes muito dessa bela história será lembrada. Acompanhe e conheça alguns detalhes que ainda não sabe. Vai valer a pena.

A belíssima campanha

Para ser campeão da Libertadores de 1976, a equipe jogou 13 vezes e teve um aproveitamento espetacular: foram 11 vitórias, um empate e uma derrota, com 46 gols assinalados e apenas 17 sofridos, com saldo de 29 gols. Veja como foram os resultados até a conquista:

Primeira fase

7/3 - Cruzeiro 5 x 4 Internacional -
Mineirão, BH

14/4 - Luqueño 1 x 3 Cruzeiro -
Defensores del Chaco, Assunção-PAR

18/3 - Olímpia 2 x 2 Cruzeiro -
Defensores del Chaco, Assunção-PAR

24/3 - Cruzeiro 4 x 1 Luqueño -
Mineirão, BH

28/3 - Internacional 0 x 2 Cruzeiro -
Beira-Rio, Porto Alegre

4/4 - Cruzeiro 4 x 1 Olímpia -
Mineirão, BH



Semifinal

9/5 - LDU 1 x 3 Cruzeiro - Atahualpa, Quito-EQU

12/5 - Alianza 0 x 4 Cruzeiro - El Mamute, Lima-PER

20/5 - Cruzeiro 7 x 1 Alianza - Mineirão, BH

30/05 - Cruzeiro 4 x 1 LDU - Mineirão, BH

Final

21/7 - Cruzeiro 4 x 1 River Plate - Mineirão, BH

28/7 - River Plate 2 x 1 Cruzeiro -
Monumental de Nuñez, Buenos Aires-ARG

30/7 - Cruzeiro 3 x 2 River Plate -
Estádio Nacional, Santiago-CHI

Partidas de cada jogador

13 jogos

Raul, Nelinho, Moraes e Eduardo

12 jogos

Vanderlei, Jairzinho e Joãozinho

11 jogos

Darci, Zé Carlos, Palhinha e Piazza

7 jogos

Isidoro

6 jogos

Roberto Batata e Ronaldo

5 jogos

Ozires

3 jogos

Valdo

2 jogos

Silva

1 jogo

Eli Mendes e Mariano



Joãozinho, autor do gol do título da Copa Libertadores de 1976 diante do River Plate

Artilheiros

13 gols

Palhinha

11 gols

Jairzinho

8 gols

Joãozinho

6 gols

Nelinho

3 gols

Eduardo

2 gols

Roberto Batata

1 gol

Darci, Ronaldo e Valdo

UM REFÚGIO MINEIRO A POUCOS MINUTOS DE BH

LAGOA
GRANDE

HOTEL FAZENDA

Natureza, gastronomia e descanso no coração da zona rural de Sete Lagoas.

No Hotel Fazenda Lagoa Grande você encontra natureza, tranquilidade e uma estrutura completa para momentos de descanso, férias em família ou eventos especiais.



Piscinas e lazer

Piscina aquecida, piscina infantil, quadras esportivas e área verde para relaxar.



Descanso e conforto

Apartamentos amplos com ar-condicionado, frigobar, TV e Wi-Fi.



Gastronomia mineira

Pratos que valorizam ingredientes e sabores da culinária regional.



RESERVE SUA ESTADIA



(31) 3178-6620

www.lagoagrandehotel.com.br

contato@lagoagrandehotel.com.br

[@hotel.lagoagrande](https://www.instagram.com/hotel.lagoagrande)

Rodovia MG-238, km 28 - Sete Lagoas - MG





Reprodução Instagram @joaozinhobailarino11_oficial

O ILUMINADO

Anjo ou demônio, vilão ou mocinho, herói ou bandido...

Podem creditar a ele figurativamente o substantivo que quiserem, desde que antes (ou depois) a palavra escolhida seja acompanhada de um adjetivo do tipo doce, adorável, encantador, fascinante, incrível, surpreendente...enfim, algo que demonstre com clareza suas infindáveis qualidades: em campo (meu Deus, como jogava!) e fora dele (quanta humildade, simpatia e alegria).

Joãozinho, o ponta-esquerda que dominou o coração da torcida celeste e conquistou meio mundo era (e no aspecto pessoal de vida, ainda é) assim. Em campo foi o “Bailarino da Toca”, o “João Travolta”, o “Moleque Atrevido”, o jogador que deixava tontos os adversários em campo com seus dribles e jogadas e a torcida nas arquibancadas, em êxtase com a sua genialidade. Fora das quatro linhas era a figura simples, humilde, alegre e respeitadora que é ainda hoje. Tanto que, mesmo fazendo estragos na defesa de seu principal rival, sempre

teve o respeito da torcida adversária, que sentia apenas uma inveja “boa” por não o ter do seu lado. Normal...

O craque celeste, entre tantas alegrias dadas à China Azul, carrega em seu currículo o heroico gol que deu ao clube a sua maior glória: a Copa Libertadores da América de 1976, conquistada no dia 30 de julho, 50 anos atrás.

Joãozinho, que mora nos Estados Unidos já há quase 20 anos, está no Brasil para rever a família e amigos. Mas, também, para ser homenageado pela grande conquista, que teve sua fundamental participação. O clube, claro, não vai deixar passar em branco essa data tão importante e prepara alguns eventos comemorativos com a presença do “Bailarino da Toca”. Já a Assembleia Legislativa de Minas Gerais vai homenagear o Cruzeiro e o craque herói pela lendária conquista. BEMVINDA aproveitou a vinda de Joãozinho a BH para conversar com ele e saber detalhes daquele enigmático lance que deu a Copa Libertadores ao Cruzeiro. Acompanhe...

BEMVINDA: Como foram confrontos da final da Liberta 76?

JOÃOZINHO: Os jogos finais foram muito importantes para nosso grupo. A vitória no Mineirão sobre o River Plate por 4 a 1, no primeiro encontro, foi espetacular. Jogamos muito bem, ganhamos confiança e fomos para Buenos Aires para o segundo jogo. Nosso time era muito bom e a gente sabia que tinha condição de ganhar lá. Mas, infelizmente, perdemos por dois a um, o que nos obrigou a enfrentar uma terceira partida, marcada para a capital chilena. Saímos de Buenos Aires direto para Santiago do Chile para jogar apenas dois dias depois da batalha contra o River.

BV: Como estava o grupo, bem fisicamente depois da batalha portenha?

JOÃOZINHO: Estávamos meio baleados, mas tentando esconder. O Piazza com um problema já de algum tempo na virilha. E eu com muitas dores no joelho direito. Eu confesso que não tinha con-

dições de jogar, mas não podia falar isso nem para os dirigentes nem para o treinador Zezé Moreira, porque na minha cabeça eu ia entrar em campo de qualquer maneira. Eu tinha atuado o campeonato todo, não perdi nenhum jogo, achava que era muito importante para aquele time. Então, fiquei quieto e não falei nem com os jogadores mais chegados. Só fiquei fazendo tratamento para chegar com o mínimo de condições à partida. Só contei para o médico Ronaldo Nazaré, que ajudou no meu tratamento até o último instante. Passei a noite toda antes do jogo me tratando com o massagista Guido, que também ajudou muito a me colocar em campo.

BV: E como se sentiu no jogo?

JOÃOZINHO: Joguei o tempo todo com dores. Tanto que tiver uma atuação até certo ponto ruim. E estava um jogo muito pesado, até violento por parte dos argentinos. Mas nosso grupo, além de bom, tinha jogadores bastante experientes para cair na catimba e na agressividade deles.

“Fiz tratamento a noite toda, com o massagista Guido, para ter condições de entrar no jogo final”



Alexandre Coutinho

BV: E o gol do título, que até hoje é comentado em todas as rodas de futebol quando o assunto entra em pauta. Dê a real versão de como tudo aconteceu.

JOÃOZINHO: Foi no finalzinho do jogo, por volta dos 43 minutos. Houve uma falta no Palhinha bem perto da grande área, ideal para o Nelinho cobrar. A única explicação que encontro para o que fiz é que Deus estava do meu lado e me iluminou. Só pode! Eu nunca tinha batido faltas profissionalmente e cheguei perto do lance sabendo que o Nelinho iria cobrar. Ele era absoluto, um dos maiores cobradores de falta do mundo. Pois é, nem sei porque me aproximei da bola, mas cheguei por perto, fiquei observando o Piazza discutindo com o Nelinho e continuei nas proximidades tendo na mente o gol de empate deles, quando bateram uma falta sem autorização do juiz, enquanto nossa barreira era arrumada. Fiquei observando o Nelinho arrumando a bola, vi quando ele começou a se afastar, mas de frente para o goleiro adversário, e me veio à cabeça novamente o lance deles e, tudo isso em milésimos de segundo, pensei em fazer o mesmo. Se agiu assim de

um lado teria de fazer o mesmo do outro. O Nelinho foi se afastando ainda trocando algumas palavras com o Piazza quando, sem nem eu mesmo entender, corri chutei por cima da barreira para definir o placar.

BV: Continua, conta mais sobre o lance e a sequência da história.

JOÃOZINHO: Felizmente eu tive aquela sorte de a bola entrar. O goleiro estava muito preocupado com o Nelinho (todos ficavam), que poderia cobrar com muita força ou colocado. Eu consegui chegar na bola enquanto o Nelinho se afastava e peguei muito bem com meu pé direito, melhor do que gostaria, de forma que, acho, até se o goleiro estivesse imaginando que eu faria aquilo, ele não conseguiria pegar. Eu estava iluminado para fazer aquilo. Repito que foi mesmo algo de Deus, que não tem explicação lógica. Eu não batia nem pênalti, quanto mais falta. Nunca treinei cobranças. Já o Nelinho, tanto pela manhã quanto à tarde, depois dos treinos, batia umas 300 vezes na bola para aperfeiçoar aquilo que já era quase perfeito nele.

“Seu Zezé Moreira quase infartou quando chegamos atrasados ao aeroporto de Lima. No dia seguinte o Batata morreu na estrada”



Alexandre Coutinho

“Se fazendo o gol do título já ocorreu uma grande confusão, caso errasse aquela falta eu estaria correndo até hoje”

BV: E que aconteceu depois do jogo?

JOÃOZINHO: Com nossa vitória, claro que os argentinos iriam criar alguma confusão. Mas não demos muita bola e passou sem maiores incidentes. Estava eufórico sem saber o que me aguardava no vestiário. Entrei lá e já dei de cara com seu Zezé Moreira quase me agredindo, falando que eu era irresponsável, que era um moleque, que como eu poderia ter feito aquilo e que eu não iria voltar para casa com a delegação. O clima ficou muito ruim, muito pesado. Depois juntou muita gente para intervir nas conversas do seu Zezé comigo, os dirigentes falaram com ele que, no hotel, conversaríamos melhor a respeito etc. Já no hotel tudo continuou da mesma forma, que eu não ia voltar com a delegação. Foi então que os jogadores, tendo à frente o Piazza e o Zé Carlos, também entraram na conversa, outros dirigentes igualmente e o treinador por fim permitiu que eu me juntasse à turma. Seu Zezé era muito rígido e não aceitava ver suas ordens descumpridas. Só sei que quase fui punido por dar o título ao clube. Mas ele estava certo.

BV: E se você não tivesse feito o gol, o que acha que aconteceria? E se o jogo fosse para a prorrogação?

JOÃOZINHO: Não gosto nem de pensar nisso. Se fazendo o gol do título já ocorreu toda essa confusão, imagina se tivesse errado! E olha que deixar o Nelinho cobrar não significa 100% que ele faria o gol, embora a possibilidade fosse extremamente maior do que comigo. Mas não dá para esconder que eu errei ao cobrar, mas acertei ao fazer o gol. Se eu não marcasse, hoje o título não estaria aqui, porque a gente não ia aguentar uma prorrogação. Além do Piazza, já totalmente baleado, e eu, igualmente mal, nós estávamos com alguns outros jogadores também sentindo contusões e sem condições de aguentar outros 30 minutos de um jogo tão intenso.



Reprodução Instagram @joazinhobailarino11_oficial



Reprodução Instagram @joazinhobailarino11_oficial

BV: O Zezé Moreira, mesmo tempos depois, nunca agradeceu a você pelo título? E o Nelinho, como reagiu à sua “irresponsabilidade”?

JOÃOZINHO: Seu Zezé era muito severo, sério, o tipo coronelzão. Não aceitava rebeldia e, depois disso, nunca nem conversou comigo, porque achava que eu era moleque. Mas, no fundo, entendeu que o que fiz foi pensando em todos e não apenas



Reprodução Instagram @joazinhobailarino11_oficial

em mim. Já o Nelinho, nem me lembro direito, mas acho que ele não me tratou de forma agressiva por causa desse lance. Parece que ele comentou que na hora pensou em correr e me dar uma bronca, mas que nem teve tempo disso por causa da comemoração por a bola ter entrado. Agora, se eu não tivesse acertado, com certeza ia ter de estar correndo até hoje (risos).

BV: Mas teve um problema com você na comemoração no hotel, não é? O que aconteceu?

JOÃOZINHO: Na comemoração serviram camarão e eu, sem saber que não poderia, acabei comendo alguns. Comecei a passar muito mal, meu corpo ficou todo empolado. De acordo com o médico Ronaldo Nazaré, eu tive um choque anafilático causado por alergia ao camarão. Ele me aplicou uma injeção, que evitou o pior. Veja se não é coisa de Deus, pois eu não sabia que tinha esse problema e fiquei sabendo posteriormente do tanto de gente que chega a morrer por causa disso e por não ser atendida a tempo.

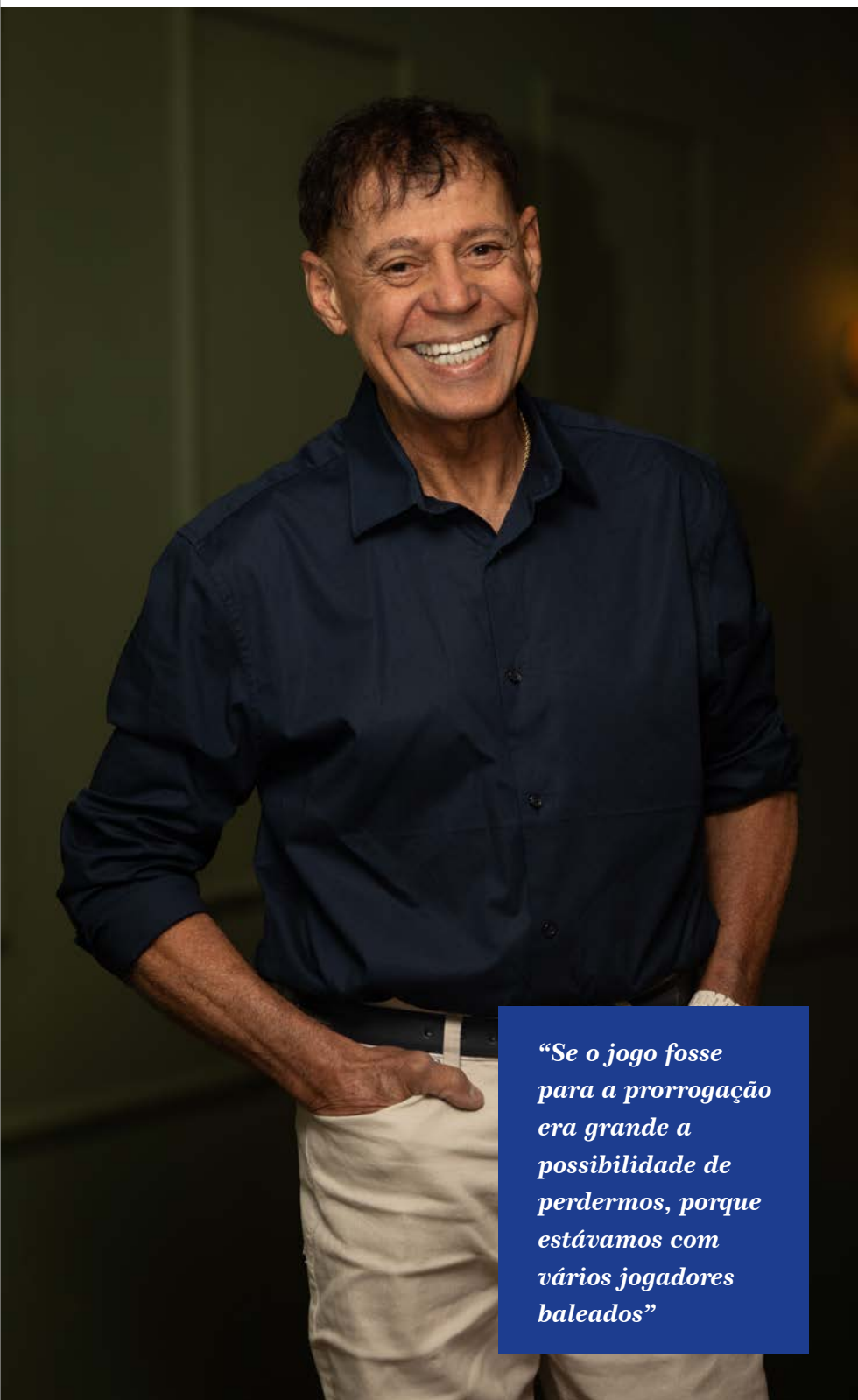
BV: Pelo que sabemos, Zezé Moreira era mesmo muito severo. Já tinha ocorrido um caso de, digamos, indisciplina durante a campa-

nha envolvendo você. O que foi?

JOÃOZINHO: Foi depois do jogo que fizemos contra o Alianza Lima, no Peru. Nós ficamos muito eufóricos com a grande vitória que tivemos sobre uma equipe excelente e que era a base de seleção peruana. O estádio estava lotado e fizemos uma exibição de gala. Ganhamos por 4 a 0 com dois gols meus e outros dois do Roberto Batata. Como disse, a gente estava muito feliz e eu e o Batata saímos para tomar um chope. Mas chegamos de volta ao hotel atrasados e tivemos de ir diretos para o aeroporto. Seu Zezé quase infartou de raiva e nos deu a maior bronca, dizendo que a gente não poderia ter feito aquilo. Para o Batata, então, foi pior, porque apontou o dedo e gritou que ele, ao contrário de mim que era um moleque, era um homem casado, já com um filho de um ano e que tinha de ser mais responsável. Claro que não queria deixar a gente voltar com a delegação, mas novamente os dirigentes intervieram e a gente acabou viajando juntos.

BV: Foi depois desse jogo e da viagem de volta que ocorreu o acidente que vitimou o Batata, não foi? E a partida seguinte, dos 7 a 1?

JOÃOZINHO: Exatamente. Nós ganhamos lá por 4 a 0 numa partida em que eu e o Batata, que era uma pessoa excepcional e de grande coração, chegamos a ser reverenciados pela torcida adversária. Viemos embora tirando apenas alguns cochilos no avião e, logo depois que chegamos, o Batata, com certeza até um pouco abalado devido a bronca do seu Zezé, entrou no seu Chevette e pegou o rumo de Três Corações, onde estavam sua mulher Denize e seu filho. Mas não chegou ao destino, porque sofreu um acidente e faleceu. Foi uma comoção, entre nós e a torcida. Ele era muito querido por todos. No jogo de volta contra o mesmo Alianza, uma semana depois, a emoção era muito grande entre nós dentro de campo. A equipe deles veio enfraquecida, sem alguns de seus principais jogadores, porque não teria chance de classificar. Vencemos por 7 a 1, naquele jogo que focou conhecido como uma homenagem ao Batata, que usava a camisa 7. Mas, na verdade, ninguém combinou de tentar fazer aquele placar. Simplesmente aconteceu, porque se pudéssemos fazer 10 gols, com certeza faríamos.



“Se o jogo fosse para a prorrogação era grande a possibilidade de perdermos, porque estávamos com vários jogadores baleados”

Alexandre Coutinho

BV: Para terminar e deixar você livre para curtir suas férias brasileiras, depois de parar com o futebol você se mudou para os Estados Unidos. O que faz lá e pretende voltar para o Brasil?

JOÃOZINHO: Eu fui muito feliz com o futebol e aqui no Cruzeiro. Fui duas vezes vice-campeão brasileiro e campeão da América. Quem me conhece e conhece a minha carreira sabe que realmente sou um cara feliz. E sou muito grato a todos, dirigentes do Cruzeiro da época, jogadores, torcida e minha família por tudo que vivi. Acho que sou uma pessoa privilegiada por Deus. Hoje levo uma vida tranquila. Eu fui para os Estados Unidos porque quis. Ganhei dinheiro com o futebol (claro que nem 10% do que jogadores médios ganham atualmente), montei um monte de negócios, mas não soube e não consegui administrar. Resultado: perdi tudo. Mas não sofro com isso, pois é o meu jeito de ser. Fui então, em 2008, para a América, onde fui bem recebido, continuo trabalhando normalmente e vivo lá alegre e feliz, na companhia de bons amigos. Já tenho o Green Card e estou agora buscando obter minha cidadania americana, que devo conseguir em breve. Gosto muito de lá, mas aqui é o meu país, é onde estão familiares e amigos. Sinto-me dividido entre os dois países. Acabo curtindo o que tem de melhor dos dois. Penso sim em futuramente estabilizar minha moradia aqui no Brasil. E poder torcer para o Cruzeiro de perto.

A VOZ DA CHINA AZUL

Por mais de 40 anos ele foi o narrador oficial do Cruzeiro pela Rádio Itatiaia. Mas é desde os anos de 1960 que o mais vibrante leva emoção à alma cruzeirense

Ele foi consagrado pela torcida como a voz do Cruzeiro atuando pela rádio mais popular de Minas (quando o assunto é esporte). “Gol, gol, gol, goooo-ollll... CRUZEEEEEEEEIROOOO!!!”. Era (e ainda é, apesar de seus 87 anos) assim que Alberto Rodrigues, ou “o mais vibrante”, como é também chamado, narrava os jogos do seu time de coração pela Itatiaia, algo que durou mais de 40 anos. Apesar de ter transmitido jogos icônicos do time antes, como o incrível 6 a 2 contra o Santos pela Taça Brasil de 1966, Albertinho (como os amigos o chamam) não foi o locutor da heroica vitória de 1976. Ele mesmo explica a razão disso não ter ocorrido.

“Naquela época” – conta – “eu ainda não era um locutor de jogos específicos do Cruzeiro. Comecei na Itatiaia em 1963, mas saí em 1966 quando não fui escalado para a Copa do Mundo da Inglaterra. Fiquei realmente chateado e, como recebi um convite do Jairo Anatólio Lima, que era diretor da Rádio Inconfidência, para integrar o quadro da emissora, eu me mudei para lá, onde narrava jogos de vários times, não só os da Raposa, embora grande parte de minhas transmissões eram do clube. No jogo final, em Santiago do Chile, o locutor foi o Jairo Anatólio, que era o âncora da emissora. Mas fui o narrador de alguns bons jogos do Cruzeiro nessa campanha vitoriosa, como a contundente vitória por 7 a 1 contra o Alianza Lima, do Peru, naquela partida em que os jogadores homenagearam o companheiro Roberto Batata, falecido alguns dias antes. E transmiti, também, o grande jogo que o time fez contra o River Plate, na primeira partida da decisão, no Mineirão. Resumindo, eu fiz os jogos em casa e o Jairo transmitiu os do exterior” – relata.

Alberto Rodrigues só passou realmente a ser o locutor exclusivo da Raposa quando voltou para a Itatiaia. Isso ocorreu em 1978, embora nesse início ainda transmitisse partidas de outros clubes. A partir de 1980, com a saída do Vilivaldo Alves da emissora (que foi o narrador da finalíssima pela



Em casa, o mais vibrante passa horas cuidando do seu minimemorial do futebol, repleto de bonecos de jogadores, artistas e colegas da imprensa

Itatiaia), o plano foi contratar um locutor para transmitir somente jogos do Atlético e deixar o Albertinho por conta das partidas cruzeirenses. Foi assim que o locutor curitibano Willy Fritz Gonser

(falecido em 2017) chegou a BH para assumir um dos microfones da rádio deixando livre o outro para que Alberto Rodrigues se tornasse o mais vibrante locutor de Minas e finalmente se identificasse, definitivamente, com a China Azul.

Com o coração

A grande final contra o River Alberto Rodrigues acompanhou, como gosta de dizer, com um coração. “Preso numa poltrona na maior agonia, sintonizado também no rádio, uma hora ouvindo o Jairo, em outra o Vilibaldo, que era atleticano, mas que, quando fazia jogos do Cruzeiro, narrava com a alma e com a vontade. E fez uma locução verdadeiramente sensacional, especialmente daquela cobrança de falta que resultou no gol do título. Ele ficou doidinho”, recorda a voz cruzeirense sorrindo com a imagem na mente do Vilibaldo gritando o gol.

Sobre o específico lance, Albertinho conta que, como todo mundo, jamais imaginaria que aquilo



Os cem mais do Cruzeiro

ocorreria. Era, de acordo com o narrador, inconcebível até pensar que uma falta naquele lugar e naquele momento do jogo não fosse cobrada pelo maior batedor de faltas do país, o grande Nelinho. “De

repente me vem o Joãozinho e comete, como disse à época o treinador Zezé Moreira, aquela irresponsabilidade. Uma maravilhosa irresponsabilidade, que resultou naquele antológico gol, um gol que fica eternamente gravado na história do clube. Se errasse, seria taxado de doido, de descompromissado etc e tal. Mas graças aos deuses do futebol ele marcou, para se transformar em herói. Ele foi um maravilhoso jogador, um dos maiores ponteiros esquerdos que o Brasil já teve. Não mereceria nunca entrar numa lista de vilões”, considera.

O jogo da memória

Albertinho tem ainda hoje na memória o jogo mais sensacional, segundo ele mesmo, que narrou: os 6 a 2 contra o Santos, em 1966. “Que partida extraordinária! É mesmo para ficar guardada na nossa imaginação até os dias finais. Foi algo fantástico que aconteceu naquela noite. Fora de BH, e mesmo aqui, quase ninguém acreditava em um





triunfo celeste. Vencer o Santos de Pelé em plena forma, que era o maior time do mundo, era praticamente impossível. E ganhar por 6 a 2 foi realmente um sonho. E voltamos a ganhar poucos dias depois, já em São Paulo, por 3 a 2 depois de estarmos perdendo por 2 a 0, conquistando a Taça Brasil 66. A partir daí o Brasil passou a conhecer o Cruzeiro e a respeitar seus craques Piazza, Tostão, Dirceu Lopes, Evaldo, Raul... Foi mesmo um timaço para entrar para a história" - lembra.

Claro que há tanto tempo transmitindo jogos da Raposa, Alberto Rodrigues carrega na memória incontáveis partidas e lances espetaculares. Em sua casa ele tem cadernos e mais cadernos com informações e fichas de todos os jogos que narrou. Assim, quando quer recordar algo especial, basta ir na sua "biblioteca de vida profissional", que tudo está lá para consultar.

Entre tantos momentos especiais do clube, ele destaca o Cruzeiro na década de 2000, por exemplo, que venceu o São Paulo por dois a um no Mineirão, de virada, conquistando o a Copa do Brasil de 2000. Lembra também a campanha da Copa Libertadores de 1997, quando o time venceu algumas partidas em decisões por pênaltis com atuações históricas do goleiro Dida. Recorda ainda os títulos das Superco-

pas conquistados em partidas bastante emocionantes. "E não há como deixar de citar as grandes conquistas nacionais de 2003, 2013 e 2014, quando o clube montou equipes simplesmente maravilhosas", diz, ressaltando o trabalho realizado por Marcelo de Oliveira na época, para ele um dos grandes treinadores que o Cruzeiro já teve.

Uma carreira sem dia para acabar

Desde 2022 que Alberto Rodrigues não é mais a voz da China Azul na Itatiaia. Ele foi substituído pelo também fervoroso cruzeirense Osvaldo Reis, o igualmente intenso Pequetito. Mas Albertinho não está totalmente aposentado, uma vez que continua fazendo o que mais gosta no canal Samuca TV, criado pelo repórter Samuel Venâncio para acompanhar as coisas do Cruzeiro. Ou seja, as partidas do time azul são transmitidas na emissora pelo mais vibrante. "Na Itatiaia chegou um ponto em que queriam que eu saísse. Começaram a pedir que eu fizesse outras coisas na rádio que não me interessavam. Achei melhor ir embora sem criar problemas e estou já há três anos com o Samuel. Nos primeiros dois anos narrei praticamente todos os jogos do Cruzeiro. Hoje a gente reveza mais, para não ter tantos desgastes, mas as principais partidas do time ainda sou eu quem transmite", explica.

Na Itatiaia ou na Samuca TV, não importa, para a torcida azul Alberto Rodrigues vai ser sempre a voz do Cruzeiro, que o trata com extremo carinho. Tanto que uma das torcidas organizadas do clube exibe nos jogos uma grande bandeira com o rosto do narrador estampado. "É muito legal isso, ser homenageado pela torcida dessa forma. Nunca vi narradores de futebol receberem tal honraria. Isso demonstra o respeito que o torcedor tem comigo e o quanto eu respeito as torcidas. Até torcedores rivais, quando encontram comigo, me tratam com carinho, pois é assim que também sempre os tratei. Posso garantir que me sinto totalmente realizado com o que construí no futebol durante minha vida", afirma o vibrante narrador, que em breve terá sua biografia publicada em livro, que está sendo escrito pelo professor Mário Francisco Ianni Viggiano. Outra homenagem que os amigos estão preparando é um filme que, entretanto, Albertinho não tem como repassar mais detalhes. "Só me dizem que será uma surpresa. Só posso mesmo esperar", completa.



DIRIGENTE PÉ QUENTE

Depois de anos trabalhando como radialista virou diretor de comunicação do clube, obtendo muitas conquistas. Mas nunca se esqueceu da Liberta de 1976

A ligação do radialista Valdir Barbosa com o Cruzeiro é enorme, uma vez que ele foi o responsável pela área de comunicação do clube por mais de duas décadas. Nesse período, conviveu o dia a dia de dezenas de jogadores, diferentes diretores, viajou por todo o Brasil e várias partes do mundo junto com a delegação e viveu incontáveis emoções acompanhando o time. Sua ligação com o clube, entretanto, começou cedo e se fortaleceu bastante durante a conquista da Taça Libertadores da América em 1976.

Segundo ele, nessa época a TV já participava mais das competições importantes e Minas Gerais, que sempre ficava em segundo plano nas transmissões esportivas. A competição teve uma

boa cobertura, porque o timão do Cruzeiro assim exigia. “Particularmente, tive o privilégio de assistir ao primeiro jogo da Libertadores contra o Internacional, no Mineirão. Eram duas seleções em campo e a Raposa venceu por 5 a 4, talvez o melhor jogo na história do futebol mineiro”, lembra, ressaltando que Joãozinho foi um dos destaques dessa partida, fazendo dois gols e dando um show particular para quem teve a chance de estar no Mineirão.

A caminhada do Cruzeiro nessa Libertadores, conforme destaca, indicava ao torcedor que daquela vez nem a pressão argentina quando se jogava em Buenos Aires nem algumas arbitragens bastante contestadas iam impedir a conquista do título, que já tinha escapado anteriormente.

Sacrifícios

“Como eu morava em Bambuí, e naquela época era tudo mais difícil, principalmente a grana que era bem curta, acompanhava todos os jogos pelo rádio. Alguns poucos lances eram oferecidos pela televisão e pelo jornal Estado de Minas, que só chegava na minha cidade aos domingos”, conta, ressaltando que as emoções da Libertadores em 76 não se resumiram somente aos gramados. Os cruzeirenses ainda comemoravam a goleada espetacular de 4 a 0 sobre o Alianza, em Lima, quando o Cruzeiro perdeu uma de suas grandes estrelas, Roberto Batata.

“Foi um golpe doído na alma do cruzeirense, no dia 13 de maio de 1976, dia da Abolição da Escravidão. Lembro-me, perfeitamente, que à tardinha, ao chegar em casa, meu pai me esperava na varanda para me dar a notícia da morte de Roberto Batata num acidente de carro. Os torcedores pareciam ter perdido um irmão”, relata.

Para ele, entretanto, a jornada em campo se multiplicou em emoções. E foi o Alianza de Lima o adversário seguinte na Libertadores e, coincidência ou não, o Cruzeiro bateu de 7 no clube peruano e a vitória se transformou em mais uma homenagem a Roberto Batata, que normalmente vestia no Cruzeiro a camisa azul com o número 7.

Ele recorda que, sem perder uma partida sequer, o Cruzeiro chegou à final da Libertadores. “E, mais uma vez, fui premiado depois de viajar de carona 270 quilômetros de Bambuí a Belo Horizonte para assistir mais uma goleada celeste no primeiro jogo contra o River Plate. Lembro-me, que chovia torrencialmente horas antes da partida, que corria, inclusive, o risco de não ser disputada naquele 21 de julho de 1976. O árbitro venezuelano Vicente Llobregá daria a palavra final após uma vitória no gramado, que era uma lâmina d’água só”, conta.

Sacrifício de torcedor

Era, segundo ele, uma tragédia, porque se o jogo fosse adiado para a noite seguinte, ele teria que retornar à sua cidade, pois a grana não dava para passar mais um dia em Belo Horizonte. “O sacrifício era grande. Depois do jogo eu ia de ônibus para o centro e dormia nos bancos da rodoviária esperando o primeiro ônibus da manhã para Betim, viação Santa Edwiges. De lá, eu pegava carona até chegar a Bambuí. Muitas vezes conseguia uma



O capitão Wilson Gotardo levanta a taça de 1999... a comemoração em campo (abaixo) durou horas



carona e o motorista ainda pagava o lanche na estrada”, relembra sorridente.

Mas valeu tudo pela vitória. O jogo foi disputado no mesmo dia, o Cruzeiro goleou o River Plate por 4 a 1 e Joãozinho, ao contrário do que se diz por aí, em vez de fazer chover fez a chuva parar para mostrar seu talento..

No segundo jogo, em Buenos Aires, o River venceu por 2 a 1. Como não havia saldo de gols no regulamento, ocorreu uma terceira partida dois dias depois, no dia 30, em Santiago do Chile. Os celestes derrotaram os argentinos por 3 a 2 com muita emoção. “A maior delas veio do ‘moleque’ Joãozinho, que no fim da partida roubou a cobrança de uma falta que Nelinho se preparava para bater. E que golaço! Nelinho, os demais jogadores e nós torcedores que tínhamos dificuldade com as imagens da TV naquela época, só fomos entender o que tinha acontecido quando o goleiro Landaburu foi buscar a bola no fundo do gol.

O Cruzeiro era o campeão das Américas”.

Já em 2019, quando o Cruzeiro disputava a Libertadores, e Valdir Barbosa já participava da diretoria como o responsável pela comunicação, houve, de acordo com ele, um treino um dia antes da partida num campo anexo ao estádio do River Plate, que seria o adversário celeste na noite seguinte. Lá tem vários campos que servem para treinamentos também das categorias de base do River. E como havia dois garotos brasileiros no sub-16 do clube, Valdir resolveu assistir a uma parte desse treinamento.

Histórias de 76

Foi então que, de repente, se levantou um senhor do banco de reservas, foi na direção dele, cumprimentou-o e perguntou se ele pertencia à diretoria do Cruzeiro. Com a resposta positiva o senhor então lhe disse: *Não sei se o senhor vai se lembrar, mas estive em campo num dos jogos mais importantes entre River e Cruzeiro, que tinha uma máquina de jogar futebol. Você se lembra da Libertadores de 1976, em Santiago?*

“Diante de nova resposta afirmativa ele então me disse: Eu sou o Landaburu e até hoje eu não me lembro como a bola chutada pelo Joãozinho entrou no gol e perdemos por 3 a 2 e vocês foram campeões. E passamos um bom tempo a recordar tanta coisa daquela decisão, relata Valdir Barbosa”, ressaltando que o goleiro Fillol, que jogou no Flamengo, era titular da Seleção Argentina e se machucou nos 4 a 1 do Mineirão. Landaburu entrou, jogou também segunda partida vencida pelo River em Buenos Aires e foi o goleiro da final em Santiago.

“Quando nos despedimos e fui assistir ao treino do Cruzeiro, fiquei pensando como o futebol consegue nos trazer recordações e emoções quase meio século depois de uma decisão como aquela. Landaburu havia me perguntado como estava Joãozinho, que já morava nos Estados Unidos. E finalizou nossa conversa dizendo: *Hasta ese día, no sabía que había brasileños que bailaban tango argentino. ¡Joãozinho fue el primero!*

Complementando, Valdir Barbosa revela que aprendeu muito como repórter esportivo, e mais ainda como dirigente de futebol, o quanto é difícil e emocionante ganhar uma Copa Libertadores, que depois veio a conquistar como diretor em 1997. “Nesse período, além da Libertadores, o Cruzeiro conquistou três Campeonatos Brasileiros, três Copas do Brasil e vários outros títulos. Claro que alguns foram perdidos. Mas a maior derrota, que ainda dói na alma, foi a Libertadores para o Estudantes, por 2 a 1 no Mineirão, em 2009. Não aceito aquele resultado até hoje”.



MANDINGA OU COINCIDÊNCIA?

Durante a campanha da Liberta de 76 boa parte dos jogadores não usaram camisas com a numeração tradicional, da mesma forma que a Seleção de 58

A história da conquista do primeiro título do Cruzeiro na Libertadores, em 1976, que completa 50 anos, é mais do que conhecida. Mas há um aspecto que marca aquela caminhada que é inédito para muitos cruzeirenses, e que coincidentemente também esteve presente na primeira Copa vencida pela Seleção Brasileira: a numeração das camisas não seguiu o que normalmente era usado pelos jogadores.

Quem levanta essas curiosidades é o jornalista e cruzeirense Alexandre Simões, ex repórter do jornal Estado de Minas, editor de o Hoje em Dia e, atualmente, coordenador de esportes da Rádio Itatiaia. Segundo ele, alguns dos destaques do grande time comandado por Zezé Moreira entrou em campo nas partidas daquela Libertadores com números que só foram usados naquela competição.

“O ponta-esquerda Joãozinho, por exemplo, que fez o gol do título diante do River Plate, no Estádio Nacional, em Santiago, tinha nas costas o número 10, e não o 11 que o consagrou como o maior da posição na história do clube celeste, e que naquela Libertadores foi usado por Eduardo Amorim, um coringa do técnico Zezé Moreira. Eduardo jogava em praticamente todas as posições do meio para a frente”, informa.



Estudioso e pesquisador sobre futebol, Alexandre Simões hoje coordena o departamento de esportes da Rádio Itatiaia



Palhinha volante e Nelinho atacante?

Já o centroavante Palhinha, de acordo com apurações de Alexandre Simões, goleador do time e da competição, com 13 gols, usava a camisa 5, que no Cruzeiro daquela época pertencia ao capitão Piazza e que, na Copa Libertadores de 1976, foi o número 13.

“Uma arma cruzeirense daquela conquista, o lateral-direito Nelinho, defensor com mais gols na história do clube, 105, foi fundamental naquela caminhada com seis bolas na rede. Nas costas, ele tinha o número 9, que tradicionalmente pertencia a Jairzinho, enquanto o Furacão da Copa,

naquela Libertadores, usou a camisa 7, a mesma que tinha no México, em 1970, na conquista do tricampeonato mundial pela Seleção Brasileira. Roberto Batata, enquanto entrou em campo, usava o número 14”, revela.

Ele complementa ressaltando que, numa campanha de marcas impressionantes, como os 46 gols nas 13 partidas disputadas, média de 3,54 por jogo, ou nas seis goleadas aplicadas, uma delas na ida da final contra o River Plate, no Mineirão, por 4 a 1, “os números não tradicionais nas camisas de alguns dos craques daquele esquadrão de Zezé Moreira surgem como uma grande curiosidade”.

CONQUISTA INESQUECÍVEL

Acostumado a importantes coberturas do time azul, o jornalista Orlando Augusto leva na memória grandes momentos vitoriosos. Mas a Libertadores de 1976 é inesquecível

O cronista esportivo Orlando Augusto, cruzeirense de quatro costados, segue a vida celeste desde antes de começar a atuar na profissão. Sua carreira na imprensa esportiva começou no dia 2 de abril de 1972, quatro anos antes da maior conquista do clube, a Libertadores de 1976. Depois de uma passagem rápida por pequenas emissoras de rádio, ele, por indicação do saudoso jornalista igualmente cruzeirense Flávio Anselmo, foi contratado pela Rádio Guarani (ainda AM), para fazer parte de uma grande equipe de esportes.

“Meu crescimento profissional foi rápido. Tive grandes professores na emissora e isso facilitou muito. Em pouco tempo já estava fazendo cobertura do América e alguns anos depois passei a cobrir o Cruzeiro onde fiquei por um longo período”, relembra. E foi nessa condição que acompanhou a conquista de muitas vitórias importantes e de grandes títulos, que fizeram do Cruzeiro um dos maiores clubes de futebol do mundo.

Emoção até o fim

“Naturalmente que, mesmo sem estar ainda como setorista do Cruzeiro nessa época da Guarani, fui, como profissional, escalado várias vezes para trabalhar em jogos da Raposa. Um deles que me emocionou muito foi a vitória sobre o Internacional, no Mineirão, pela Taça Libertadores da América, do dia 7 de março de 1976. Foi



Orlando Augusto sempre atuou dentro de campo com jogadores de todos os times, mas nunca escondeu seu amor pelo Cruzeiro

fantástico. O placar de 5x4, com Nelinho marcando de pênalti ao final do jogo e fazendo a torcida do Cruzeiro ir à loucura, foi de arrepiar. Palhinha e Joãozinho (2) fizeram os outros gols”, recorda.

Segundo ele, foram muitos jogos espetaculares, nacionais e internacionais, que acompanhou. Outro confronto que gosta de citar foi com o Villa Nova. “Não me sai da lembrança. Recorde de público no Mineirão: 132.834 cruzeirenses e alguns torcedores do time de Nova Lima lotaram o estádio sem uma única briga. Tudo na paz”, diz.

Clássicos contra o Atlético, segundo ele, foram muitos que cobriu. “Em um deles”, conta, “eu entrevistava o goleiro João Leite quando um torcedor celes-te entrou em campo e ia dar uma voadora no goleiro do Galo. Para ajudar o amigo João Leite, eu entrei na frente e quem recebeu a pancada fui eu, que subi mais de um metro antes de desabar no gramado”.

Outra história marcante que gosta de relembrar foi quando o ex técnico Yustrick, no Cruzeiro, por não gostar de uma matéria que fez, o ameaçou dizendo que o mataria se ele entrasse no vestiário no jogo seguinte. “Eu fui, e a minha entrada no vestiário foi uma apoteose. Mas o homão, como era conhecido, era bravo mas tinha um coração enorme e minha morte foi adiada, pelo menos até hoje”, relata o fato ainda rindo. “Ele até levou um revólver, mas sem balas. Fiquei muito preocupado mas no fim foi até engraçado”, completa.

Vitória para lavar a alma

Claro que o jornalista não poderia deixar de citar o jogo, em que não trabalhou diretamente do campo, mas foi muito marcante: a conquista da primeira Taça Libertadores da América. “Foi uma decisão épica que ficou marcada pelo gol heroico de falta de Joãozinho nos minutos finais. Nelinho era na época o maior bater de faltas do Brasil e ele é quem tinha de bater na bola naquele lance, que poderia ser o último da partida. Num momento de distração do Nelinho, que conversava com Piazza, o moleque (no bom sentido) Joãozinho, ao ver o goleiro num canto do gol, e com o árbitro

discutindo com os jogadores do River de como armar a barreira, cobrou aleatoriamente no outro canto. A bola balançou as redes e o Cruzeiro foi campeão”.

Ele ouviu depois, de jogadores e amigos que lá estavam, que técnico Zezé Moreira, no vestiário, quase bateu no melhor ponta esquerda que viu jogar na sua vida. “Dizem até que ameaçou não trazer o bailarino Joãozinho no mesmo avião que trouxe a delegação”, especula.

Neste jogo, segundo ele, à exceção da equipe que foi cobrir a partida, todo o time da Rádio Guarani estava na sala de esportes acompanhando a transmissão e torcendo para o Cruzeiro. Mas, aos 40 minutos do segundo tempo, muitos, já não acreditando na vitória do time, foram embora mais cedo. “Foi muito engraçado e muito legal a gente junto lá na Rádio Guarani. Foi como se estivéssemos dentro do Estádio Nacional do Chile com os companheiros que foram cobrir *in loco*. Inesquecível!!!”.



EU ESTAVA LÁ!

Sérgio Augusto Carvalho (*)

Tenho acordado saudosista!

Talvez por já estarmos no mês de julho de 2026 e alguma coisa me mandou de volta 50 anos atrás para rememorar uma das mais importantes missões nos primeiros anos de minha carreira como jornalista esportivo. Eu tinha apenas um ano como repórter da Placar e recebi, da chefia em São Paulo, uma pauta que me deixou excitado: “Você vai a Buenos Aires fazer um dossier sobre o River Plate que o Cruzeiro vai enfrentar na decisão da Taça Libertadores da América”.

Ao me lembrar desse dia, passou pela minha cabeça toda a história que começou no dia 7 de março de 76. Foi com uma das partidas de futebol mais belas que já vi, abrindo a 17ª Libertadores no Mineirão. O Cruzeiro venceu o Internacional de Porto Alegre por 5 a 4, com um show do ponta Joãozinho e uma prévia do que seria a campanha azul na principal competição da América do Sul: espetacular!

O comando do mestre Zezé Moreira, um professor de futebol admirado pelo Presidente Felício Brandi, já era claro nessas alturas do campeonato. Ele conseguiu corrigir alguns cacoetes de Joãozinho, um ponta esquerda hábil, que driblava, corria pela esquerda até a linha de fundo e voltava para cruzar com o pé direito. Seu Zezé chamou o ponta para treinar todos os dias depois do expediente normal, fazendo o craque chegar à linha de fundo e cruzar com o pé esquerdo. Segundo o técnico, todo jogador que corrige suas limitações cresce em autoconfiança e otimismo. E Joãozinho confirmou na prática a teoria do técnico. Foi um fator de desequilíbrio na sequência de jogos.

Numa das edições seguintes de Placar, fiz uma matéria com Joãozinho com o título “O Moleque da Toca”. Ele revelou detalhes da sua vida pessoal que ninguém conhecia e num dos trechos que mais impressionaram foi quando ele disse que “a Lua me inspira quando estou concentrado na Toca”!

A segunda partida, no dia 14 de abril, foi contra o paraguaio Deportivo Luqueño, no Estádio Defensores Del Chaco, em Assunção. O tempo estava en-



coberto, sem Lua, e mesmo sem marcar, Joãozinho brilhou na vitória por 3 a 1, o que deu ao Cruzeiro a artilharia da competição.

O terceiro jogo foi no mesmo estádio. O frio à beira do Rio Paraguai parece que demorou para esquentar o ânimo do time e o Olímpia, campeão paraguaio, fez 2 a 0. O Cruzeiro acordou no segundo tempo e a reação veio com o Furacão Jairzinho e, na reta final, Darci Menezes empatou.

Na sequência da primeira fase, já na Liderança do Grupo 3, o Cruzeiro venceu novamente o Luqueño no Mineirão, repetiu a vitória sobre o Inter no Beira Rio por 2 a 0 e encerrou a campanha em casa goleando o Olímpia por 4 a 1.

A Fase Semifinal começou com um otimismo

que entusiasmava a qualquer pessoa que frequentava a Toca da Raposa. Os jogadores cruzeirenses eram quase uma seleção brasileira treinada por um dos mais experientes e competentes técnicos da história do futebol. Os conhecimentos de Zezé Moreira contagiaram os jogadores de tal modo, que todos se consideravam titulares. Zé Carlos, Eduardo, Valdo e todos os outros iam para o banco de reservas torcendo por quem estava em campo. Adquiriram uma amizade que passou das quatro linhas. Pior para os adversários, que não conseguiram aproveitar o mando de campo e se curvaram diante da superioridade cruzeirense. Imaginei que a altitude de Quito diminuísse o ritmo da Máquina Azul. Como nos primeiros dias eu senti a força dos 2.805 metros Andinos, dificultando minha respiração, pensei que algum jogador também sentiria. Mas, não. Em campo, a máquina celeste – como o saudoso Fernando Sasso chamava o time de Zezé Moreira – ignorou todos os contras e aplicou 3 a 1 na LDU (Liga Desportiva Universitária), uma força emergente do futebol sulamericano. A vitória foi comemorada com um Johnny Walker 12 anos, um santo remédio para aguentar a altitude. Até hoje não sei se seu Zezé aprovava essa pajelança...

No dia seguinte fomos para o Peru, num voo de 2 horas e meia de Quito a Lima sobre a Cordilheira dos Andes, que o sono não deixou ninguém ver. O Estádio El Mamute, na periferia de Lima, estava lotado. Não encontrei nenhum jornalista brasileiro e, para não me misturar com uma torcida alheia, preferi ir para o gramado. Vi a partida atrás do gol de Raul, com quem conversei o tempo todo, comentando os lances da partida. “Olha como o Jair está procurando o Batata”, disse Raul no início do segundo tempo, com 0 a 0 no placar. O goleiro estava prevendo, pois Roberto Batata fez 1 a 0 e deu o passe para Joãozinho marcar 2 a 0 e, logo depois, 3 a 0. Jairzinho completou 4 a 0.

A grande atuação de Roberto Batata foi a última imagem que guardamos dele. No dia seguinte, após quase 12 horas de viagem de Lima até chegar em Belo Horizonte, Roberto não ouviu os alertas de Nelinho, Joãozinho e Jairzinho, pegou seu Chevette e foi para Três Corações, onde estavam a mulher Denise e o filho de um ano. No meio do caminho, Batata não conseguiu driblar dois caminhões e encontrou a morte num acidente inacreditável.

Oito dias depois, o Cruzeiro recebeu o Alianza

no Mineirão na partida que, com certeza, é a mais triste da história do clube e a única mancha na campanha da Libertadores. A camisa 7 de Batata foi colocada no banco de reservas, e como se tudo fosse combinado, a vitória por 7 a 1 caiu como uma benção na emoção cruzeirense.

Na semana seguinte, para encerrar a fase semifinal e partir para a grande decisão, o Cruzeiro goleou a LDU no Mineirão por 4 a 1, com gols de Palhinha, Jairzinho e 2 de Nelinho. Na mesma noite, em Buenos Aires, o River Plate venceu o Peñarol, do Uruguai, por 3 a 0 e chegou pela sexta vez à final da Libertadores. Com mais uma final entre Brasileiros e Argentinos definida, Placar entrou no clima da decisão e, como já tinha feito durante toda a competição, manteve sua linha de estar presente em todos os eventos esportivos da América do Sul, principalmente envolvendo brasileiros.

Embarquei com o fotógrafo Célio Apolinário para Argentina, a nossa missão era fazer um Raio-X do time e ambiente que o Cruzeiro enfrentaria nos jogos finais.

Minha primeira parada na magnífica Buenos Aires foi na Redação do “El Clarín”, o maior jornal do país. Depois de três horas de uma bela conversa com o Editor de Esportes e o repórter de setor do River (nomes que os 50 anos passados foram consumidos na minha memória!) eu saí com a certeza de que não seria fácil e o Cruzeiro encontraria um clima de batalha no Monumental de Nuñez.

O grito de guerra dos “milongueros” já era entoado nos treinos que vi, infiltrado na arquibancada do estádio. “Vamo, Vamo River... su barra milonguera no para de alentar...!” O tratamento dos clubes argentinos dado aos jornalistas brasileiros sempre foi um “oito-ou-oitenta”. Era cordial ou... desagradável. Eu, que em outra ocasião fui expulso do La Bombonera, estádio do Boca Juniors, por cobrir um treino qualquer, sabia disso.

Meu foco era o trabalho de Angel Labruna, o legendário técnico porteño, ídolo no nível de Geninho, no Cruzeiro. Foi um golpe de sorte conseguir 5 minutos com o técnico - numa ida que fiz à sede da A.F.A. em busca de informações sobre a segunda partida da final. Labruna sorriu, mas não disse nada além disso: “Cruceiro es un buen equipo, muy difícil...”. Isso eu - e todo o Brasil - já sabia.

Labruna sabia que, mesmo fazendo o segundo

jogo em casa, o River enfrentaria um time que teve melhor desempenho para chegar à decisão. E não deu outra. O primeiro jogo da final, dia 21 de julho, no Mineirão, encheu de otimismo e esperança a China Azul - como era conhecida a torcida do Cruzeiro. Uma aula de bola que o time de Zezé Moreira aplicou no time de Angel Labruna. O clima de “já ganhou” com a vitória por 4 a 1 só não atingiu o pragmático Seu Zezé, que na manhã seguinte juntou todos os jogadores na Toca da Raposa e disse: “Se vocês acham que lá na casa deles nós vamos criar facilidades como criamos ontem, estão enganados. Vai ser uma batalha, uma enorme barreira para ultrapassar. Mas não tenham dúvidas: vocês têm todas as qualidades pra ultrapassar qualquer dificuldade!”.

Como Zezé Moreira previu, no dia 28 o Cruzeiro não resistiu à pressão incrível da “barra” porteña, que levou 90 mil torcedores ao campo, e sofreu sua única derrota na Competição: 2 a 1.

Logo no início da partida, Más fez 1 a 0, deixando o Monumental enlouquecido. Da Tribuna de Imprensa, me senti um gatinho entre leões. Até que, no segundo tempo, Palhinha empatou e fez piorar o ambiente para os brasileiros. Não sei como seria o final, se Gonzales não marcasse 2 a 1, depois de falta feita por Luque em Raul, não marcada pelo Juiz José Bazán, do Uruguai.

Definido que a decisão seria no Chile, o empresário Marcos Lázaro, que trabalhava também com o cantor Roberto Carlos, organizou toda a viagem no dia seguinte para Santiago. A delegação ficou hospedada no Hotel Sheraton, ocupando a metade do 4º andar. Eu fui para o Intercontinental e tentei ir ao Estádio Nacional de Santiago, em Nuñoa, nos arredores da cidade. Não foi possível conhecer o cenário da decisão pois as visitas ao Estádio, transformado em prisão militar, eram proibidas.

Quando essa história da Libertadores vem à minha lembrança, como nessa manhã fria de 2026, chegando o dia de comemorar meio século da conquista, nem a minha origem atleticana é capaz de arrefecer a emoção que senti naquela noite também fria de 30 de julho de 1976, em Santiago do Chile. Os argentinos invadiram a cidade e foram maioria esmagadora no público de quase 40 mil pessoas (o total certo nunca foi revelado).

As arquibancadas sombrias do Estádio, averme-

lhadas, talvez camufladas, já foram palco de atrocidades abomináveis cometidas pela ditadura chilena na década de 1970. Mas, naquela noite, poucos jornalistas brasileiros (quase todos radialistas) estavam lá para presenciar um dos raros momentos em que aquele cenário macabro seria tomado pela alegria que só o futebol é capaz de proporcionar. Uma final eletrizante da 17ª Taça Libertadores da América.

Quando a delegação do Cruzeiro chegou ao Estádio, longe da imprensa e de outros membros, aconteceu o inesperado. Piazza procurou o médico Ronaldo Nazaré e disse que sentia dor na virilha e achava que não poderia jogar. Após um exame rápido, o médico comprovou o problema e chamou o outro médico da delegação, Carlos Pinón, para confirmar, ou não, o diagnóstico. Depois de muita conversa, decidiram por uma infiltração para bloqueio da dor. Como o vestiário não era o local com propriedades sanitárias, procuraram uma sala bem higienizada, onde aplicaram a injeção na virilha de Piazza.

Com o capitão liberado e confirmado, o Cruzeiro começou o jogo atacando o River – que mostrou estar decidido a usar sua tradicional catimba para intimidar Nelinho e seus companheiros.

Os “gringos” só não contavam com o espírito prevenido de um time que tinha no comando o genial Zezé Moreira: “Vão lá e mostrem quem são vocês...”.

E foi assim que, após uma entrada brava de Merlo em Palhinha, Nelinho fez 1 a 0 aos 24'. O desespero argentino aumentou quando Eduardo, aos 10' do segundo tempo, marcou o segundo gol. Com futebol e catimba, os argentinos aproveitaram raras falhas da defesa fizeram um gol e empataram a partida em um lance incrível aos 19': sem autorização do juiz uruguaio Alberto Martínez, enquanto Raul organizava a barreira, Más empurrou a bola para Urquiza, livre na esquerda e o ponta empatou a partida. Jaizinho, Eduardo, Palhinha e Raul pressionaram o juiz, mas ele confirmou o gol.

Estava claro que os minutos finais seriam uma loucura. O Cruzeiro mostrou mais futebol e que poderia armar uma de suas jogadas fatais para chegar ao gol da vitória. Aos 41', aconteceu o imprevisto. Palhinha foi derrubado na entrada da meia-lua da área e Alberto Martínez marcou a falta. Todo o time argentino foi para a área. Nelinho conversou com Piazza, ajeitou a bola enquanto a barreira era formada. De frente para a gol, o lateral tomou distância



para cobrar, quando Joãozinho se antecipou e, com o pé direito, cobriu a barreira e colocou a bola, com maestria, no ângulo direito do goleiro Landaburu, que nem se mexeu.

Aos saltos e gritos, socos no ar e uma corrida pela lateral do gramado, Joãozinho nem quis ver se o juiz tinha confirmado o gol. “Se ele confirmou o segundo gol deles, por que anularia o nosso?”, justificou, depois.

Os argentinos não aceitaram, claro, e transformaram o final da partida em uma batalha típica deles. E partiram para a briga quando o juiz apitou o final do jogo. Eu juntei minhas coisas e procurei o caminho para o gramado, mas acabei me perdendo nos corredores do Estádio Nacional. Passei por vários cômodos sombrios e assustei quando vi que dentro deles havia dezenas de pessoas

Encarceradas. Eram os presos políticos da ditadura.

Na minha pressa, acabei dando sorte: sai direto no vestiário do Cruzeiro, quase vazio. Entrei e encontrei Zézé Moreira andando de um lado para o outro perto de outras pessoas – que não me lembro quem eram. A festa no gramado continuava. Fui direto ao técnico com a mão estendida para cumprimentá-lo quando notei que sua fisionomia não combinava com a ocasião.

“Parabéns, seu Zézé...!”. Ele apertou minha mão, mas não agradeceu e antes que eu perguntasse como foi o susto de ver uma vitória de 2 a 0 virar empate de 2 a 2, ele esbravejou: “Eu ainda não acredito no que aconteceu. Uma irresponsabilidade que deu certo, mas foi uma irresponsabilidade.”. Ele

se referia à cobrança de falta de Joãozinho, que deu no gol da vitória. Até esqueci da minha pergunta e outras coisas que queria saber dele.

Visivelmente atrapalhado entre a alegria da vitória e a atitude moleque do ponta, seu Zézé cumprimentou Zé Carlos, o primeiro a chegar ao vestiário. Aos poucos foram chegando mais jogadores, dirigentes, membros da delegação e repórteres de rádio. Todos cumprimentando o técnico que respondia com palavras curtas e sorriso amarelo. E Joãozinho apareceu, sem camisa, ao lado de Carmine Furletti. O encontro do técnico com o jogador foi percebido por poucos. “João, você foi um irresponsável. Não sabe que quem bate as faltas é o Nelinho?”, bradou Seu Zézé. Mas, acalmado por Furletti, o técnico abraçou Joãozinho e entrou no clima indescritível que tomou conta do vestiário.

De volta ao hotel, a diretoria do Cruzeiro preparou uma festa na Cobertura, onde funcionava um Restaurante. Com tudo liberado, jogadores, dirigentes e convidados comemoraram a conquista em grande estilo entre cervejas, uísque e champanhe com frutos do mar, saladas e outras iguarias especiais.

Foi quando um fato provocou um susto em alguns dos presentes: Joãozinho estava passando mal. Ronaldo Nazaré foi chamado rapidamente e diagnosticou: Joãozinho estava tendo um choque anafilático. E não era molecagem do ponta. Ele estava realmente passando muito mal com o camarão que comeu.

Imediatamente, toda a direção da delegação tomou as providências pedidas pelo médico e, com a medicação adequada, algumas horas depois Joãozinho se recuperou. Mas não voltou para a festa, que só continuou na volta, dia seguinte, para Belo Horizonte.

Sem dúvidas, a história desta conquista do Cruzeiro é uma das grandes lembranças que o saudosismo me faz sentir mais vivo do que nunca!

() Sérgio Augusto Carvalho é jornalista desde a metade dos anos 1960. Fez a maior cobertura da conquista da Libertadores de 1976 entre todos os veículos brasileiros. Trabalhou em importantes empresas de comunicação na área esportiva, como o jornal Estado de Minas e a Revista Placar. Em todos os canais sempre foi o repórter responsável pelas grandes coberturas, especialmente no exterior, e, mais especificamente, sobre futebol e Fórmula 1. Foi ainda diretor de imprensa da Assembleia Legislativa MG.*

raposa na política

FOTOS Divulgação

O MAIOR (E MELHOR) REPRESENTANTE DO CRUZEIRO NA POLÍTICA MINEIRA

Deputado já há dois mandatos (quem sabe indo para um terceiro), Coronel Henrique respira o clube 24 horas e sonha em implantar o museu celeste

Torcedor cruzeirense fanático é fácil de encontrar, quase todos são. Mas ninguém supera em paixão pelo clube o deputado estadual Coronel Henrique. Pode haver, claro, torcedores que chegam até a se igualar, mas carregar no peito e na alma mais amor do que ele, impossível. Já foi torcedor de radinho de pilha morando no interior; já frequentou as arquibancadas dos estádios em todos os jogos que pode, já criou torcida organizada e, hoje, procura ajudar de todas as formas o clube de coração, seja como um homem já realizado pessoal e profissionalmente, seja ocupando cargos no legislativo. Aliás, nesse aspecto, pode-se afirmar que o Coronel Henrique é, indubitavelmente, a pessoa que mais e melhor representa o Cruzeiro Esporte Clube na política mineira.

“A memória afetiva que tenho, e que me marca como cruzeirense, está relacionada com esse primeiro título da Copa Libertadores da América, em 1976. Recordo-me que tinha recém completado oito anos e estava de férias na casa dos meus avós, em Barbacena. A grande final foi justamente no último dia de férias, 30 de julho de 1976, sendo que na semana seguinte iriam retornar as aulas. Era uma sexta-feira e eu assisti ao jogo do lado do meu avô. Nós ganhamos, em um jogo histórico e com aquele gol heroico do Joãozinho. Naquele momento soube que o Cruzeiro era a minha primeira e grande paixão”, revela o deputado torcedor.

Ele conta que a família comentava que aquele então menino estava muito fanático e que aquilo poderia não lhe fazer bem. Seu avô paterno Carlos Jaime de Campos, entretanto, achava diferente e certa vez o chamou para lhe dizer: “Você está muito certo de torcer como torce, porque um homem tem que ter lado, um homem tem que escolher o lado. Você escolheu o lado do Cruzeiro, então defenda esse lado como puder”. O mais interessante é que esse avô não se interessava por futebol, apesar de ver alguns jogos, como a final ao lado do neto. “Porém, meu avô materno, com quem pouco convivi, pois faleceu quando eu



tinha só dois anos, o Zé Coelho, é quem deve ter me transmitido essa paixão por meio do DNA, pois era torcedor fanático de um time de Barbacena, o Olympic Club, que carregava (carrega ainda) as cores azul e branco. Minha mãe me contava que ele dizia gostar do Cruzeiro, porque as cores eram as mesmas. Então, nesse misto dos meus dois avós, Zé Coelho (materno) e Carlos Jaime de Campos (paterno), está um pouco da origem dessa minha paixão celeste”, acredita.

Trovão Azul

Esse amor só foi crescendo e, em um momento marcante para a vida dele, já com 17 anos, em agosto de 1985, fundou a torcida organizada Trovão Azul. Levou a faixa da torcida pela primeira vez ao Mineirão no dia 4 de agosto de 1985, num jogo do Campeonato Mineiro: Cruzeiro 0 x 0 Democrata de Sete Lagoas. Inicialmente quem o acompanhava em todos os jogos era seu irmão, algo bem familiar, como geralmente acontece com a “família cruzeirense”. Durante o final da década de 1980 e início dos anos de 1990, ele reunia amigos e outros cruzeirenses amigos dos amigos e todos se dirigiam, invariavelmente, para o Mineirão para torcer para o Cabuloso, sempre colocando a faixa da Trovão Azul no meio de campo.

“Acompanhamos com a Trovão Azul uma conquista que marcou época na minha geração e tem tudo a ver com o título de 1976. Graças à Libertadores o Cruzeiro conseguiu o direito de disputar a Supercopa dos Campeões da Libertadores da América, que foi um torneio instituído pela Conmebol. Em 1988, no primeiro torneio, o Cruzeiro foi vice-campeão perdendo para o Racing, da Argentina, mas em 1991 obteve uma grande conquista: ganhou do River Plate na final do Mineirão, por três a zero. E em 1992 conquistou o bicampeonato da Supercopa, dessa vez se vingando do Racing. Eu sempre digo que a Libertadores de 1976 deixou esse grande legado, que foi a Supercopa dos Campeões, um torneio que durou 10 anos de 1988 a 1997, e nessas 10 edições o Cruzeiro foi duas vezes vice-campeão duas vezes campeão”, ressalta.

Ele gosta sempre de destacar a final e a campanha da Supercopa de 1991, quando, para ser campeão, o Cruzeiro teve de eliminar o Colo-Colo (era campeão chileno e campeão da Libertadores daquele ano), o Olímpia do Paraguai (que era o campeão paraguaio), o Nacional de Montevideu e, na final, o River Plate (então campeão argentino). “Essa decisão, repito sempre, foi apoteótica. Depois



de perder o primeiro jogo em Buenos Aires por dois a zero, ganhamos o segundo jogo no Mineirão lotado, com um gol de cabeça do Ademir e dois do Mário Tilico. Esse foi um torneio muito marcante, que fortaleceu em muita gente essa paixão pelo clube e que, no meu caso, nunca arrefeceu”, afirma.

Longe de corpo, perto de alma

Coronel Henrique acabou se mudando de BH quando entrou para o Exército Brasileiro, mas nunca deixou de acompanhar todas as conquistas celestes. Sempre que podia estava no Mineirão, como na final da Copa do Brasil de 1993 contra o Grêmio, quando o Cruzeiro ganhou o seu primeiro título da competição. Estava também no primeiro jogo da Copa do Brasil de 1996, quando o time empatou com o Palmeiras e depois, em um jogo histórico, venceu em São Paulo. Na final da Libertadores de 1997, contra o Sporting Cristal do Peru, veio de Resende, no Rio de Janeiro onde servia o Exército, para assistir o bicampeonato da Raposa. No tricampeonato da Copa do Brasil em 2000, contra o São Paulo, lá estava ele nas arquibancadas do Mineirão. E na campanha da Tríplice Coroa, já de volta à capital para fazer um mestrado, assistiu a todos os jogos do Mineiro, Brasileiro e da Copa do Brasil realizados em Minas. Enfim, mesmo estando fora de BH, viu de perto todos os jogos e conquistas marcantes do time azul, como ainda o tetracampeonato da Copa do Brasil contra o Flamengo, em 2017; o penta de 2018 contra o Corinthians, no primeiro jogo no Mineirão.

“Essa paixão pelo Cruzeiro me fez nunca ter na distância algo que me impedisse de acompanhar o time. E é uma paixão que procurei transmitir ao meu filho, que nasceu em 2002 e, logo no ano seguinte, já era campeão da Tríplice Coroa. E no ano em que nasceu foi bicampeão da Copa Sul-Minas, em um jogo onde o Sorin marcou um gol antológico, da vitória contra o Atlético Paranaense, no seu jogo de despedida do Cruzeiro”, lembra ele, acrescentando que sempre gostou de fazer essa relação família/clube, pois começou torcendo com seus avós, continuou na Trovão Azul com a participação muito próxima de seu irmão e, a partir de 2002, se intensificou com o nascimento de seu filho Henrique. “Ele me acompanha ao Mineirão desde pequeno e hoje é um grande companheiro, que divide comigo essa paixão infindável”, ressalta.

Principal defensor do clube na Assembleia

Uma paixão que tomou outras proporções e que podem ser superbenéficas para o clube. Ela foi descoberta em frente a uma TV nos anos 1976, se estendeu pelas arquibancadas por muitos anos e, hoje, como deputado estadual, já no segundo mandato na Assembleia Legislativa de Minas Gerais caminhando já para, quem sabe, seu terceiro mandato, o campo se abre exponencialmente para que muitos frutos possam ser retirados dessa árvore política. Coronel Henrique, na Assembleia Legislativa, é o presidente da Comissão de Esportes, um trabalho que visa atender todos os interesses do esporte e do povo mineiro. “Um parlamentar tem três missões básicas: legislar, fiscalizar as ações do Executivo e tem ainda a importante missão de representar segmentos da sociedade. Eu hoje represento todo o esporte mineiro e trabalho muito por isso” garante.

E trabalha mesmo, pois já conseguiu aprovar importantes leis de ajuda ao esporte. Uma das mais importantes foi a que triplicou os recursos da lei Estadual de Incentivo ao Esporte. Uma alíquota do ICMS, que antes era de 0,05% e que, devido a um intenso trabalho dele que durou cerca de cinco anos (todo seu primeiro mandato mais um pedaço do segundo), foi ampliada para 0,15%. Na prática, o esporte mineiro, que tinha cerca de 30 milhões de reais ano disponíveis para investimento, hoje recebe mais de 90 milhões, oriundos de patrocínio via empresas que fazem a renúncia fiscal. Ou seja, em vez de pagar o imposto direto para o Estado, fazem aportes direto em projetos esportivos.

Legítimo representante na política

“Nessa questão do esporte eu vejo o quanto é importante ter representantes nos poderes. Nós sabemos que em Minas o nosso principal rival sempre teve seus representantes políticos. Isso ocorre desde a origem, desde a formação da história de Belo Horizonte, em que o rival fazia parte da elite da capital enquanto o nosso Cruzeiro, ainda Palesstra Itália, tinha a sua representatividade maior só entre os imigrantes italianos, que não tinham grande participação na vida política da capital. Nós sofremos ao longo dos tempos com a ausência de representatividade nas casas legislativas, nas prefeituras, no Palácio da Liberdade. Hoje vejo que me sinto completamente preparado para ser um representante da





torcida do Cruzeiro na política mineira, fazendo isso de forma republicana e muito transparente”, afirma.

Embora não seja tão divulgado, até pela discrição do deputado, várias ações já foram executadas por ele em prol do clube azul. Já trabalhou, e continua trabalhando junto ao Cruzeiro e à Minas Arena, para a retirada das cadeiras amarelas do setor inferior do Mineirão, que é uma reivindicação da torcida. A grande expectativa é que depois da Copa do Mundo Feminina da FIFA de 2027 (já que a entidade exige que os estádios tenham cadeiras instaladas em todos os assentos) essa iniciativa seja viabilizada. “Nós também fizemos, atendendo a reivindicação da torcida, do clube e do técnico do Cruzeiro, visita de inspeção técnica ao gramado do Mineirão. Levamos técnicos e engenheiros agrônomos da Emater e da empresa Mineira de Assistência Técnica e Extensão Rural, que recomendaram diversas práticas para melhoria da qualidade do gramado”, diz.

Hoje já há uma realidade diferente, com menos eventos de shows marcados para dentro do gramado do Mineirão, priorizando a Esplanada, e, principalmente, fugindo desse período de inverno em que a grama sofre mais. Essas medidas fizeram com que melhorasse muito a qualidade do gramado. “Levamos também reivindicações da torcida, que reclama dos preços abusivos praticados no Mineirão, um estádio que sempre foi tão popular. Fizemos uma reivindicação junto ao Ministério Público e junto ao Procon, que acabou freando um pouco esse abuso. Um exemplo foi o aumento do preço do estacionamento, que tinha sido elevado para R\$ 95. Conseguimos que se mantivesse nos R\$ 75 anteriores. São várias ações que afetam o dia a dia do torcedor e que venho procurando ajudar ao máximo. É um grande legado que eu, como cruzeirense, quero deixar para o clube e a torcida”, assegura.

Resgate e valorização da memória

Hoje o Cruzeiro tem duas divisões administrativas: a Associação, que administra os clubes do Barro Preto, da sede Campestre e cuida dos esportes especializados, como basquete e vôlei; e a Sociedade Anônima do Futebol, SAF, que hoje gerencia o futebol profissional, o futebol feminino e o futebol de base. “Eu não tenho qualquer dúvida que é um sonho da torcida ver toda a história desse legado de conquistas devidamente registrado e à disposição de todo torcedor. Acompanhar a vida de um clube que foi fundado depois da Primeira Guerra Mundial, em 1921, que se chamava Palestra Itália, que sofreu com a declaração de guerra do Brasil aos países do eixo do qual a Itália fazia parte, e que, por isso, teve de abandonar seu nome original, é interesse geral. Ver também como foi a transição e como, em 7 de outubro de 1942, o clube se transformou no Cruzeiro Esporte Clube. Ou seja, somos um clube que nasceu depois da Primeira Guerra Mundial, sobreviveu às agruras da Segunda Grande Guerra Mundial e que hoje, com 105 anos, tem uma linda história para deixar registrada”, assegura o Coronel Henrique ao defender a implantação de um museu (ou museus) para o Cruzeiro Esporte Clube.

Essas conquistas, esse senso de pertencimento e todo esse alicerce mostra a grandeza do Cruzeiro e como esse clube centenário está preparado para enfrentar os desafios do futuro. Registrar e valorizar tudo o que já conquistou é muito relevante, segundo ele, pois isso ensina às novas gerações a importância de valorizar o seu passado, a importância de valorizar os seus heróis, trazer e fidelizar novos torcedores. “Quando a gente não valoriza o nosso passado, nós ficamos menos preparados para a vinda de um futuro grandioso. O Cruzeiro tem todas essas condições. Além disso, trazer para o futebol mineiro uma cultura tão presente em clubes da Europa e da América do Sul é essencial, tanto para a preservação e valorização da história do clube quanto ainda por questões econômicas”, ressalta o deputado.

Ele lembra que quem vai a Buenos Aires tem a oportunidade, só para citar dois exemplos, de conhecer os museus do River Plate, no estádio Monumental de Nuñez, e o do Boca Juniors, em La Bombonera, que são também ativos econômi-

cos dos dois clubes. “Qualquer pessoa que pisa em Buenos Aires já recebe das agências de turismo a indicação de visitar os museus do futebol dessas agremiações. E isso, na Europa, acontece com qualquer clube. Até os de médio porte têm o seu espaço onde podem contar suas histórias, mesmo sem grandes glórias. São equipamentos que, além de tudo, ainda são geradores de emprego e renda, que fomentam ainda mais o turismo esportivo baseado no futebol. Podem aumentar consideravelmente receita do clube com a venda de camisetas, brindes e acessórios do time”, informa.

Rota Cinco Estrelas

Ele tem total razão. Quem percorre o Caminito, no bairro de La Boca, em Buenos Aires, encontra ali junto às belas casinhas coloridas um verdadeiro museu a céu aberto, com lojas, restaurantes e toda preparação para receber turistas do mundo inteiro que vão visitar o Museu do Boca. O mesmo acontece com o Museu do River Plate. Minas oferece todo esse potencial e o Cruzeiro um potencial ainda maior. Por quê? “Por uma característica que eu falo sempre. O Cruzeiro é ungido pelos deuses. É beneficiado por ter sido um time diferente de todos os demais do Brasil, pois foi um clube que surgiu para depois aparecer seus torcedores. Foi um time criado pela sua própria gente. A característica da fundação do Cruzeiro é essa. Já existia uma torcida, a torcida dos italianos que queriam um time seu, e não torcer para clubes que já existiam”, assevera.

Para ele, o Cruzeiro continua hoje com essa característica. Tudo começou no Barro Preto, em 1921. Quando o governo de Minas decidiu pela construção do grande palco do futebol mineiro, o Mineirão, na região da Pampulha, o visionário presidente na época, o italiano Felício Brandes, enxergou estrategicamente à frente e imediatamente adquiriu um terreno nas imediações para construir o centro de treinamento do clube, que foi o primeiro de um time de futebol no Brasil, a Toca da Raposa I. Assim, o Mineirão abriu suas portas em 1965 e em 1973 a Raposa já inaugurava a Toca I, tirando toda a sua estrutura de futebol profissional, que antes ficava no estádinho do Barro Preto, levando para o novo CT. Isso representou uma grande evolução, porque o Cruzeiro já tinha na região a sua sede campestre, um clube esportivo

social que permanece lá até hoje.

“No início da década de 2000, a diretoria fez a Toca da Raposa II. Então, olha que sensacional: a Pampulha, que é um dos quatro patrimônios culturais da humanidade tombado pela Unesco, com sua lagoa e as obras de Oscar Niemeyer, abriga ali quatro pontos importantíssimos da história do Cruzeiro, que é o Mineirão, a Toca da Raposa I, a Toca II e a sede Campestre. E o ponto onde tudo começou, que é o Barro Preto. Então, já apresentei na nossa Assembleia Legislativa um projeto de lei visando aliar o esporte a esse fomento da cultura e do turismo de Belo Horizonte. Ou seja, a criação da Rota Cinco Estrelas, ligando a primeira estrela onde tudo começou, que é o Barro Preto, à segunda, que é o Mineirão, à terceira (Toca I), depois à quarta (Toca II) chegando finalmente à quinta estrela, que é a Campestre. Ou seja, a torcida e os turistas vão conhecer toda a história do clube percorrendo essa rota” explica.

Museu, o sonho maior

E o Museu do Cruzeiro, que é o grande sonho de todos, segundo ele, já está em fase de projetos e de análise preliminar. A ideia é que cada uma dessas estrelas tenha um equipamento cultural do clube. Mas o grande museu ainda não tem o local totalmente definido, podendo ser no Barro Preto, na Toca da Raposa I ou até mesmo, nos dois locais, sendo que um complementaria o outro, trazendo à tona uma ideia dinâmica de um museu contemporâneo, um museu vivo onde as coisas aconteceram e acontecem. Seriam espaços para o visitante sentir o clima, e não simplesmente ver taças, troféus e camisas fixadas em um local sem vida. Seria dar à torcida a oportunidade de percorrer todos esses lugares sagrados para o torcedor azul para ela entender como essa história toda foi construída

O primeiro passo, de acordo com o coronel deputado, já foi dado, que é o memorial do Cruzeiro dentro do Museu do Futebol já existente no Mineirão. Esse museu existe desde a reinauguração do Mineirão, para a Copa do Mundo de 2014. E lá já tem reservada uma sala anexa, de 200 m², que vai receber um memorial do Cruzeiro, o que vai valorizar ainda mais a sonhada Rota Cinco Estrelas. “Tudo isso é um grande projeto, que pode viabilizar ainda mais o Cruzeiro economicamente.

Eu digo que os clubes do mundo inteiro passaram por transformações antes dos clubes do Brasil com o advento do clube empresa. Nós já começamos a experimentar essa parceria de sucesso com o novo dono do futebol do clube, que é o meu grande amigo Pedro Lourenço, o Pedrinho BH, que comprou o clube do Ronaldo Fenômeno. E o Pedrinho vai fechar com chave de ouro essa história do Cruzeiro. No momento em que ele adquiriu a SAF do Cruzeiro, ele disse o seguinte: o Cruzeiro não me pertence. O Cruzeiro pertence à sua torcida. E ele, como torcedor apaixonado que é, quer realmente devolver o Cruzeiro para a torcida”, garante.

Pedrinho, um homem do povo

Para o Coronel Henrique, o Cruzeiro foi originalmente um time do povo porque nasceu no Barro Preto, que era a periferia de BH na década de 1920 do século passado. Um clube que cresceu nos braços desse povo e que hoje foi adquirido por um legítimo homem do povo, um empresário de sucesso que construiu toda a sua fortuna, todo o seu patrimônio comercial já a partir dos 40 anos de idade. “Pedro Lourenço é um homem simples, que veio de Paineiras, no interior de Minas, para trabalhar na capital. Montou sua primeira loja com 40 anos de idade e que hoje, 30 anos depois, administra esse grande complexo de supermercados. Pedrinho atrela o Cruzeiro ao seu patrimônio e ao patrimônio da sua família com o claro objetivo de deixar o clube realmente para a sua torcida”, diz ele.

E complementa: “Eu digo sempre que o Cruzeiro é o time do povo, que foi adquirido por um homem do povo para que o time continue nos braços do povo. O Cruzeiro Esporte Clube nasceu Palestra, foi forjado Cruzeiro, surgiu depois da Primeira Guerra Mundial, sobreviveu a todos os ataques da Segunda Grande Guerra Mundial, passou por dificuldades, mas as conquistas desses seus 105 anos são alicerces para que o clube fique mais forte ainda. E, para que fique cada vez mais poderoso, precisa valorizar cada vez mais os seus heróis, cada vez mais o seu passado e permitir que as novas gerações tenham esse orgulho de ter recebido tal legado de seus antepassados. É o Cruzeiro, forte no passado projetando ser uma potência ainda mais poderosa do futebol brasileiro e mundial. Futuro e passado têm de conviver juntos”.



“Coronel Henrique, meu deputado, grande Cruzeiroense, que luta pelo Cruzeiro todos os dias igual a nós mesmo. É um sonho da nossa torcida o Museu. E é bom que você vai encabeçar esse projeto. E pode tocar para frente que nós estamos juntos.”

Pedro Lourenço,
Gestor e proprietário do Cruzeiro Esporte Clube SAF

rota cinco estrelas

FOTOS Arquivo pessoal

MAIS QUE UM MUSEU, O PATRIMÔNIO DE UMA PAIXÃO

Leônidas de Oliveira (*)

Nasci em uma família cruzeirense. Como acontece em tantas casas de Minas Gerais, antes mesmo de compreender plenamente o futebol, eu já conhecia o azul da camisa, o desenho das cinco estrelas e a alegria — ou a tristeza — que uma partida podia levar para dentro de casa. Somente muitos anos depois, trabalhando com patrimônio cultural, percebi que aquele sentimento ia muito além do esporte. O que passava de uma geração para outra não era apenas a torcida por um clube, mas um sentido de pertencimento.

Celebrar os cinquenta anos da primeira conquista da Copa Libertadores da América é recordar uma página decisiva da história do Cruzeiro. Mas é também perguntar o que desejamos transmitir aos próximos cinquenta anos. Toda grande conquista permanece viva quando preservamos não apenas o resultado, mas os lugares, as pessoas, os símbolos e as memórias que lhe deram sentido. É nesse horizonte que a Rota Cruzeiro Cinco Estrelas ganha importância.

Mais do que ligar pontos de Belo Horizonte, a rota pode transformar a memória cruzeirense em experiência cultural, turística e educativa, reconhecendo que a história do Cruzeiro também vive nos vínculos construídos com milhões de pessoas.

Durante muito tempo, patrimônio significou igrejas, monumentos, casarões, documentos e obras de arte. Hoje sabemos que ele também vive nos rituais, nos afetos, nos símbolos e nas histórias compartilhadas por uma comunidade. Um clube de futebol pode ser compreendido assim: como espaço de memória coletiva, no qual famílias, amigos, cidades e gerações reconhecem parte de suas próprias trajetórias.

A memória de um clube nunca pertence somente à instituição. Ela está nas crianças que recebem a primeira camisa, nos avós que contam histórias de partidas inesquecíveis e nas cidades do interior onde uma bandeira azul se torna parte da paisagem afetiva. Uma camisa ou um ingresso antigo valem menos pela matéria do que pelas lembranças que carregam.

A Rota Cruzeiro Cinco Estrelas pode dar forma a esse patrimônio disperso. Seu ponto de partida no

Barro Preto é especialmente simbólico. Mais do que o lugar onde o clube nasceu, o bairro representa o encontro entre imigração, trabalho, vida associativa e construção urbana. Interpretar o nascimento do Cruzeiro nesse contexto é mostrar como um clube participa da história de uma cidade e, com o tempo,



Cruzeirense fervoroso, secretário Leônidas quer por o clube no roteiro turístico de BH

ultrapassa suas origens para se tornar patrimônio de todo um Estado.

A Pampulha e o Mineirão acrescentam outra camada a essa narrativa. Ali estão a dimensão monumental do futebol, as grandes partidas, os ídolos, as conquistas e a projeção nacional e internacional do Cruzeiro. As Tocas da Raposa revelam o trabalho cotidiano, a formação de atletas e o compromisso com o futuro. Em vez de pontos isolados, esses lugares podem formar capítulos de uma única história, articulados por curadoria e recursos de interpretação.

Essa é também uma oportunidade importante para o turismo. Em cidades como Barcelona, Manchester, Liverpool e Buenos Aires, museus e visitas a estádios integram a experiência cultural do destino. O visitante não procura apenas ver troféus ou conhecer vestiários, mas percorrer lugares que formaram sua imaginação e aproximar-se de símbolos recebidos desde a infância.

O Cruzeiro pode oferecer ao Brasil uma contribuição original nesse campo. Em vez de criar apenas um tour de estádio, pode estruturar uma rota territorial e afetiva que ajude a interpretar Belo Horizonte por meio da memória celeste. O Barro Preto pode responder como tudo começou; o Mineirão, como o clube alcançou sua dimensão monumental; as Tocas, como se constroem formação e futuro; e o interior, como uma instituição nascida na capital se tornou parte da identidade de Minas Gerais.

Uma das características mais marcantes da história do Cruzeiro é a profunda presença de sua torcida no interior. Especialmente a partir das grandes equipes das décadas de 1960 e 1970, essa relação se fortaleceu pelas transmissões do rádio, pelas viagens ao Mineirão e pelo orgulho de ver um clube mineiro conquistar o Brasil e a América. Em muitas famílias, a paixão celeste atravessou gerações. Por isso, a rota não deve ser apenas um percurso urbano, mas a porta de entrada para uma rede mais ampla de memória, ligando pessoas, cidades e gerações.

Talvez o maior museu do Cruzeiro já exista, espalhado pelas casas de seus torcedores: nos álbuns de família, nas bandeiras antigas, nas camisas herdadas, nos ingressos, nas gravações de rádio e nas lembranças transmitidas de geração em geração. O projeto poderia convidar cada torcedor a se tornar guardião da memória celeste, contribuindo para um acervo colaborativo capaz de reunir a história insti-



tucional e as histórias de seu povo.

Há uma diferença importante entre expor objetos e interpretar significados. Um museu pode mostrar o que aconteceu. Um centro de interpretação ajuda a compreender por que aquilo continua importante. É essa passagem da informação para o pertencimento que pode fazer da Rota Cruzeiro Cinco Estrelas um projeto inovador para o clube, a cultura e o turismo de Minas Gerais.

Toda política de patrimônio responde à mesma pergunta: o que decidimos transmitir às próximas gerações? Ao investir em sua memória, o Cruzeiro afirma que sua história merece ser conhecida e compartilhada. Afirma também que seu maior patrimônio não está somente nas taças conquistadas, mas nos vínculos e afetos que conseguiu despertar.

Hoje compreendo que herdei muito mais do que a torcida pelo Cruzeiro. Herdei uma memória compartilhada com milhões de mineiros. Se implantada, a Rota Cruzeiro Cinco Estrelas não contará apenas a história de um clube, mas também a de todas as pessoas que encontraram nessas cinco estrelas um lugar de pertencimento. Porque o maior patrimônio de um clube nunca foi apenas aquilo que ele guardou, mas aquilo que conseguiu fazer viver nas pessoas.

(*) *Secretário de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais*

O AMOR DE UMA VIDA INTEIRA

Torcedor sempre apaixonado, médico, dirigente e, finalmente, presidente do Cruzeiro associação. A história do doutor Lidson sempre esteve ligada ao clube

Pediatra, casado e pai de dois filhos, Lidson Faria Potsch Magalhães, ou simplesmente doutor Lidson é hoje o presidente da Associação Cruzeiro Esporte Clube, já que hoje, com a formação das SAFs (Sociedade Anônima do Futebol), os clubes que aderiram ao modelo, como a Raposa, se dividem em dois ramos: o futebol e o social. Ele é o atual dirigente máximo do Cruzeiro, mas sua história com a agremiação celeste começou há mais de seis décadas e se confunde com sua própria trajetória de vida.

“Nasci em Viçosa e, em 1962, quando me mudei para Belo Horizonte, me aproximei do Cruzeiro e iniciei uma relação de amor e dedicação que permanece até hoje. Ao longo dos anos tive a oportunidade de viver o Cruzeiro de diferentes formas. Em 1983,

passei a integrar o Departamento Médico do clube, onde atuei por seis anos. Foi uma experiência muito enriquecedora, acompanhando de perto o dia a dia do futebol profissional e contribuindo com uma instituição que sempre fez parte da minha vida”, relata.

Importante momento

Mais tarde, segundo ele, também teve a honra de participar da gestão do clube, atuando como vice-presidente da Associação em um momento importante da sua história. E em 2023 foi eleito presidente da Associação Cruzeiro Esporte Clube, “uma responsabilidade que recebo com muito orgulho e senso de compromisso”.

Para o doutor Lidson, estar à frente da Associa-



Dr. Lidson dedicou sua vida ao clube de coração em todas as situações e épocas

ção significa trabalhar para preservar a história do Cruzeiro e, ao mesmo tempo, construir o seu futuro. “Nosso foco é investir continuamente na melhoria dos Clubes do Cruzeiro, oferecer cada vez mais qualidade aos associados, fortalecer nosso patrimônio e desenvolver projetos que mantenham a Associação como referência em lazer, esporte e convivência para as famílias cruzeirenses”, explica.

Conquista inesquecível

Ele conta que, como torcedor, viveu momentos que jamais esquecerá. O mais marcante deles, não poderia ser diferente, foi a conquista da Copa Libertadores da América de 1976, o primeiro título continental da história do Cruzeiro. “Assisti à decisão na casa do meu primo e grande amigo Miguel, ao lado de familiares e amigos, todos vivendo a mesma ansiedade” relembra o dirigente, ressaltando que quando veio a confirmação da conquista, a emoção foi indescritível. “Ver o Cruzeiro conquistar a América pela primeira vez foi um orgulho imenso e um daqueles momentos que ficam eternamente guardados na memória de qualquer cruzeirense”, enfatiza.

Ele revela que quando olha para a sua caminhada, percebe que teve o grande privilégio de servir ao Cruzeiro em diferentes momentos da vida: primeiro como torcedor apaixonado, depois como médico, dirigente e, hoje, como presidente da Associação. “É uma honra extrema poder retribuir um pouco de tudo o que esse clube representa para mim. Meu compromisso é continuar trabalhando com seriedade, responsabilidade e dedicação para fortalecer a Associação, preservar a nossa história e deixar um legado positivo para as futuras gerações de cruzeirenses”, garante.





PALESTRA E CRUZEIRO, UMA SÓ JORNADA

Há cerca de 10 anos nascia o Instituto Palestra Itália com o intuito de criar ações de valorização da atualidade e do passado do centenário clube azul celeste

Pensando em preservar as origens palestrinas do clube, em novembro de 2017 foi criado o Instituto Palestra Itália (IPITA), para atuar em Minas nas áreas do esporte, da cultura, da educação, se constituindo, assim, num braço social do Cruzeiro. A relação da instituição com a história do Cruzeiro está na própria origem do IPITA. Fundado em Belo Horizonte, em 1921, como Società Sportiva Palestra Itália, o clube nasceu da mobilização da comunidade italiana estabelecida na capital mineira. Parte do trabalho desenvolvido pelo Instituto está voltada à pesquisa, à organização e à divulgação dessa memória.

Ao mesmo tempo, o IPITA atua na elaboração e na execução de projetos esportivos. Entre as iniciativas desenvolvidas nos últimos tempos estão ações voltadas ao atletismo e ao futsal, além de propostas nas áreas cultural, social e de preservação histórica. E vem, ainda, participando da produção de documentos, livros, pesquisas e projetos de organização de

acervos relacionados ao Palestra Itália e ao Cruzeiro.

Segundo a presidente do IPITA, Rosanna Del Prete, a atuação do Instituto está organizada em quatro pilares: cultura, esporte, social e educação. Esses eixos orientam projetos e ações de diferentes naturezas, desde a formação esportiva até a preservação de documentos e relatos históricos. Entre as finalidades institucionais estão a valorização das origens palestrinas, a realização de ações esportivas, culturais, sociais e educacionais e o incentivo à formação de atletas olímpicos e paralímpicos.

“Nossa missão é manter a valorização das origens palestrinas no processo histórico de formação do Cruzeiro Esporte Clube, aproximando passado e presente por meio de uma agenda de atuação institucional”, diz ela, destacando que o respeito à história, orgulho da trajetória, compromisso com a memória e mobilização da comunidade em torno das origens palestrinas e cruzeirenses são valores inquestionáveis a cultivar.

Memória e preservação

A preservação da memória é uma frente permanente do Instituto. O trabalho envolve pesquisa, localização de acervos, produção audiovisual, publicações, coleta de depoimentos e organização de documentos relacionados ao Palestra Itália, à imigração italiana em Minas e à história do Cruzeiro.

O filme “Em Busca da História do Cruzeiro”, idealizado pelo Instituto Palestra Itália, é um exemplo disso, pois recupera a história da fundação do Palestra Itália, sua presença na sociedade belo-horizontina do início do século XX e os primeiros capítulos da trajetória do clube. O projeto foi executado por meio da Lei Rouanet, em parceria com o Instituto Vivas. Materiais institucionais registram mais de 70 entrevistas com ex-jogadores, dirigentes, historiadores, jornalistas, torcedores e familiares dos fundadores, além de mais de 200 mil visualizações.

Na área de produção editorial e pesquisa, entre as iniciativas documentadas estão o livro “De Palestra a Cruzeiro: Uma Trajetória de Glórias”, ações de resgate e catalogação de documentos históricos, além do projeto editorial “A História Centenária do Palestra/Cruzeiro”.

Núcleo de pesquisas

A presidente do IPITA destaca que, nesse contexto, a pesquisa histórica ganhou uma frente específica com a formalização do Núcleo de Pesquisa do Cruzeiro, criado para reunir e organizar estudos relacionados à trajetória do clube, às origens do Palestra Itália e aos diferentes contextos históricos, sociais e culturais ligados a essa história.

“O Núcleo reúne pesquisadores que já desenvolviam trabalhos de investigação histórica e passou a atuar em cooperação com o Instituto Palestra Itália. As pesquisas envolvem consulta a jornais, revistas, fotografias, documentos, arquivos públicos e coleções particulares, com levantamento e cruzamento de fontes”, explica, ressaltando que entre os pesquisadores destaca-se o trabalho de Fábio de Cássio Militão, um dos coordenadores do Núcleo, que desenvolve trabalho voltado à história do Cruzeiro e à chamada Era Palestra Itália. As pesquisas realizadas pelo grupo abrangem temas como os primeiros estatutos do clube, uniformes e escudos históricos, personagens pouco conhecidos, a presença de atletas negros nos primeiros anos do Palestra Itália,



a relação do clube com o Barro Preto e a imigração italiana em Belo Horizonte.

“O trabalho desenvolvido pelo Núcleo contribui para ampliar a documentação disponível sobre diferentes períodos da história do clube e serve de base para conteúdos, estudos e futuras iniciativas de preservação e divulgação da memória”, conclui.

MEMÓRIA RICA E AINDA MAIS VIVA

A grandeza de um clube é medida pelas suas conquistas em campo e fora dele. Os registros de sua vida é que vão mostrar à posteridade sua história de glórias

A história do Cruzeiro Esporte Clube, sabemos todos, é marcada por grandes conquistas, personagens inesquecíveis e momentos que ajudaram a construir a identidade do futebol brasileiro. Entretanto, apesar da grandeza do clube, sua trajetória ainda apresenta lacunas documentais, versões divergentes e episódios que permanecem pouco conhecidos ou sem o devido reconhecimento histórico. Foi justamente devido a essa falha e necessidade que nasceu o Núcleo de Pesquisa do Cruzeiro (NPC).

O grupo surgiu da iniciativa de pesquisadores que, durante anos, desenvolveram estudos de forma independente sobre diferentes períodos da história celeste. A partir da troca constante de informações e da percepção de que a união de esforços poderia ampliar a qualidade das pesquisas, decidiu-se criar um núcleo permanente de investigação histórica, reunindo documentos, acervos particulares, jornais da época, fotografias e outras fontes que permitissem reconstruir, com rigor e responsabilidade, a memória centenária do clube.

Atualmente, o NPC é formado por Fábio Militão, Romero Marcone, Eugênio Moreira, Eric Resende, Gelvane Melo, Renato Sena, Anísio Ciscotto, Paulo Martins e Bruno Parreiras. Cada integrante atua em áreas específicas de pesquisa, mas todos compartilham o mesmo propósito: produzir conhecimento confiável sobre a história do clube e disponibilizá-lo ao público por meio de livros, artigos, entrevistas, podcasts, exposições e projetos culturais.





Importante parceria

Um marco importante ocorreu em 2026, quando o Instituto Palestra Itália convidou o Núcleo de Pesquisa do Cruzeiro para integrar oficialmente a instituição. A parceria fortaleceu o trabalho desenvolvido pelo grupo e ampliou as possibilidades de preservação e divulgação da memória celeste, unindo pesquisadores e uma entidade comprometida com a valorização da história do Cruzeiro.

Desde então, diversos projetos vêm sendo desenvolvidos. Um deles é a exposição sobre a história do Barro Preto, bairro que representa o berço do clube. A iniciativa busca apresentar ao público a importância da imigração italiana na fundação do então Palestra Itália, a construção do Estádio do Barro Preto, a evolução da instituição ao longo do século XX e os personagens que ajudaram a transformar o Cruzeiro em uma das maiores agremiações esportivas do país.

Outro projeto de grande significado é a homenagem a Adelino, um dos maiores jogadores da história do Cruzeiro. Ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, Adelino retornou ao Brasil para defender o clube entre 1943 e 1959, tornando-se um símbolo de dedicação, talento e identificação com a camisa celeste. Sua trajetória representa não apenas a história de um atleta, mas também parte importante da memória esportiva e social do país.

Primeiro título oficial

Entre todas as pesquisas atualmente em andamento, destaca-se o dossiê histórico que busca o reconhecimento oficial do primeiro título conquistado pelo Cruzeiro. Em 1926, o então Palestra Itália sagrou-se campeão da Associação Mineira de Esportes Terrestres (A.M.E.T.), competição organizada durante a dissidência

do futebol mineiro. Embora a conquista seja amplamente documentada pela imprensa da época, ela jamais recebeu reconhecimento oficial da Federação Mineira de Futebol. No ano do centenário desse campeonato, o NPC reúne documentos inéditos e um conjunto consistente de evidências históricas para demonstrar a legitimidade daquela conquista, considerada pelos pesquisadores como o primeiro título da história do clube.

O Núcleo também trabalha em um projeto de longo prazo que pretende suprir uma das maiores carências do Cruzeiro: a criação de um banco de dados histórico e estatístico. A proposta é reunir informações sobre partidas, jogadores, treinadores, dirigentes, competições, estádios e demais registros da trajetória celeste, formando um acervo de consulta permanente para pesquisadores, jornalistas, estudantes e torcedores.

Em 2026, o trabalho do grupo ultrapassou os limites da pesquisa acadêmica e chegou ao grande público durante a FLIMINAS – Feira Literária Internacional de Minas Gerais, realizada no Expominas, em Belo Horizonte. Representando o Cruzeiro e o Instituto Palestra Itália, o Núcleo promoveu uma exposição que reuniu camisas históricas, e diversas relíquias do clube, proporcionando aos visitantes uma viagem pela história celeste desde a década de 1920 até os dias atuais.

Mais do que pesquisar o passado, o Núcleo de Pesquisa do Cruzeiro tem como missão preservar a memória de uma das maiores instituições esportivas do Brasil. Ao recuperar documentos, confrontar versões, registrar histórias e divulgar conhecimento, o grupo contribui para que a trajetória do Cruzeiro permaneça viva, acessível e cada vez mais conhecida pelas futuras gerações de pesquisadores e torcedores.

memória celeste

POR Rafael Brandi FOTOS Arquivo pessoal



FELICIO BRANDI E A GRANDEZA DO CABULOSO

Sempre gosto de dizer que Felício Brandi, meu pai, mirou as estrelas sem tirar os pés do chão.

Ele era um apaixonado pelo Cruzeiro e não pensava duas vezes em largar tudo para se dedicar ao time amado.

Era comum ouvir minha mãe dizer: “Se eu perguntar ao seu pai se ele prefere o Cruzeiro ou a família... Ele vai responder que é o Cruzeiro”.

Ninguém em casa tinha dúvida dessa resposta! Sua primeira paixão era mesmo a Raposa!

Meu pai sonhava grande e sempre vislumbrou o Cruzeiro conquistando grandes títulos.

A obsessão por trazer alegria para a torcida ficou mais próxima com o retorno à Libertadores em 1975, pois, para ele estava clara a certeza de que o time estava à altura de uma conquista maior.

Não foi apenas por chegar às semifinais, mas por

perceber que o título era uma questão de tempo.

A disputa do Campeonato Brasileiro de 1975 demonstrou a força do Cruzeiro, que, em que pesasse o vice-campeonato, numa partida perdida para o Internacional por 1X0, deixava claro que o time era novamente muito bom.

Libertadores 1976

A ansiedade do meu pai nos memoráveis jogos contra o Internacional na fase de grupos da Copa Libertadores de 1976 era absurda. Para ele, vencer os jogos era uma questão de honra.

Como todo bom italiano, a superstição fazia parte de todo um ritual que antecedia aos jogos, principalmente quando se iria disputar uma final contra o River Plate, três jogos seguidos... Ele dizia; “haja coração”!

Felicio Brandi não poupava os jogadores de seguir todos os passos necessários para “tudo dar certo”. Jamais ele desafiava a sua crença na superstição, fosse o que fosse...

Lembro-me que no final de semana que antecedeu ao primeiro jogo da final, eu e meu irmão não tivemos a permissão do meu pai para acompanhá-lo até a Toca da Raposa. Como todo jovem, adorávamos jogar bola após os treinos e ficar vendo os ídolos Joãozinho brincando com a bola e Nelinho treinando cobranças de falta. E a explicação era objetiva: “Se vocês forem vão atrapalhar a concentração dos jogadores e vão tumultuar”.

Mas, mesmo com a proximidade da final, o ritual da sexta-feira à noite tinha que ser mantido: O jantar com os jogadores. Mas antes, era obrigação a parada no bairro Gutierrez para comprar caixas de isopor cheias de sorvete, atravessar a avenida Amazonas, entrar no Prado e buscar o amigo Mário Tornelli, que levava os filmes para serem assistidos na sala de cinema.

Acabava o jantar, os jogadores enchiam as tigelas de sorvete e iam até a sala de cinema ouvir atentamente a rápida preleção antes da sessão começar.

A todo momento meu pai estava atento, o semblante fechado e tenso, mas, confiante e com palavras de apoio e cuidado. Ele encorajava cada um dos jogadores, preparando-os para o grande dia que se aproximava.

A conversa com seu Zezé Moreira era constante. Fazia questão de conversar com o técnico, falava que precisava

passar as dicas e orientações.

Felicio era um homem determinado e incansável!

Aquele intervalo de 10 dias do primeiro jogo no Mineirão até o terceiro no Chile foram, para ele, uma eternidade.

Mas tudo valeu muito a pena!

A alegria dele era incontrolável!

Ele dizia que o Cruzeiro era demais, que os jogadores eram incríveis, que a torcida do Cruzeiro era merecedora daquela comemoração. Foi tudo muito marcante para todos nós.

Mas como todo visionário já pensava: “Vamos jogar o mundial”.

Ainda não ganhamos um, mas se depender da vontade dele lá no céu, essa inédita conquista ainda vai chegar.



Sempre enxergando à frente, Felicio transformou o clube do Barro Preto em uma potência mundial

empreendedorismo azul e branco

FOTOS Divulgação

MÉDICO, EMPRESÁRIO E, PRINCIPALMENTE, CRUZEIRENSE

Para impedir o filho de torcer para o principal rival, ele deu uma pausa na carreira de médico para montar uma loja do Cruzeiro. Hoje já comanda três

Como acontece na grande maioria dos casos, a história do médico endocrinologista José Cupertino com o Cruzeiro começou na infância com seu pai, então criado no interior onde as pessoas acompanhavam praticamente só os times do Rio. Quando veio para BH trazendo a família, era muito flamenguista e na época já existia uma rivalidade entre Flamengo e Cruzeiro. Como ele não gostava do Atlético e torcer para o América achava uma perda de tempo, incentivou o filho a ser cruzeirense. Afinal, era melhor torcer para um time do lugar onde se morava. “De qualquer forma, sempre me identifiquei com a cor azul. É algo estranho, mas tudo meu sempre foi azul. Comecei assim, ainda no jardim de infância, a torcer pelo Cruzeiro”, afirma José Cupertino.

Interessante, segundo ele, é que seus grandes amigos desde os áureos tempos, como o próprio deputado Coronel Henrique (que está por trás do futuro Museu do Cruzeiro), eram cruzeirenses. “Eu e o Coronel Henrique somos colegas desde os cinco anos. Nessa época a gente já assistia jogos juntos. Ou seja, a paixão vem crescendo a cada ano desde a infância”, ressalta.

1976 na memória

Mas algo que transformou o médico definitivamente num cruzeirense inveterado foi o título de 1976, que ele acompanhou pelas ondas curtas de um rádio. “Eu estava em um sítio e com meus apenas nove anos de vida já sofrendo com o jogo, principalmente porque a transmissão sumia a todo momento. Quem viveu



Com apoio da esposa Regina Carneiro, José Cupertino divide hoje sua vida entre o consultório, as lojas, o clube social e as cadeiras do Mineirão

nessa época sabe que ouvir um jogo em ondas curtas era assim mesmo: o som ia e voltava deixando a gente na maior expectativa. E foi ouvindo o jogo assim que saiu o gol do Joãozinho, o gol derradeiro que nos dava o título. Só que nesse momento a narração desapareceu me deixando na maior ansiedade, mas o importante é que o título veio, e esse jogo marcou muito, porque acabei ali me sacramentando definitivamente como um cruzeirense”, afirma.

Também já na faculdade José Cupertino arrumava um jeito de acompanhar o Cruzeiro. Como estudava na UFMG, ficava com outros amigos estudando na biblioteca até o horário em que ela fechava e, então, ia para o Mineirão ver o time jogar, fosse contra quem fosse. “Cheguei a acompanhar cada pelada horrorosa pelo Campeonato Mineiro, alguns jogos bem esquisitos. Mas estávamos sempre lá. Resumindo, eu frequento o Mineirão de forma direta desde 1983 criando uma paixão pelo clube que foi ficando mais intensa e próxima. Mas sempre foi como torcedor, mas comecei a me envolver profissionalmente com a instituição quando fui mexer com a loja de artigos oficiais do Cruzeiro”, explica.

Atleticano? Jamais!

O início dessa história de ser dono de loja teve início de uma forma no mínimo interessante. Um ex-cunhado dele montou uma loja do Atlético no Buritys. E seu filho, então uma criança por volta dos sete anos, era bem próximo desse cunhado. “Um dia peguei meu menino na loja com um boneco do clube rival. Meu Deus do Céu, só faltava meu filho ser atleticano, vou querer isso para mim não, pensei. Foi então que comecei a procurar o pessoal do Cruzeiro, alguns lá de dentro consultavam comigo na época, dizendo da minha intenção em abrir uma loja do clube. Chegaram até a rir de mim por causa do motivo da minha procura. No fundo as coisas aconteceram meio por acaso. Hoje eu tenho um sócio e controlamos três lojas, sendo a principal aquela do Barro Preto. As demais estão no Shopping Outlet e no Buritys, perto da loja do rival (que em vez de ser a primeira, acabou sendo a última a ser aberta). Mas na época era eu só, e saí por aí querendo saber o que fazer para abrir uma”, relembra.

Ele ficou sabendo que o caminho era contar uma empresa de São Paulo que tratava dessas franquias. Enviou então um e-mail para lá, mas sem





grandes esperanças de obter respostas. “Eu tinha feito um programa do Sebrae, já conhecia sobre viabilidade econômica e queria montar uma loja no Buritis. Fiz um projeto, montei um programa e mandei. E não é que depois de uns três dias recebi uma ligação de São Paulo dizendo que tinham achado meu trabalho bastante interessante? Estavam interessados em abrir uma loja piloto porque, até então, não havia nenhuma aqui em BH. A que existia (antes dessa empresa passar a controlar os negócios) até 2011 fora fechada devido a problemas administrativos” conta.

Cupertino foi convidado a ir a São Paulo em durante a conversa, foi sincero ao dizer que queria ter uma loja do clube para impedir seu filho de ser atleticano. “Eu não sabia, mas ali estava dando o toque que precisava para ter sucesso. Disseram que eu era o cara que estavam precisando, de alguém que tivesse vínculo com o clube, e não de um desses empreendedores que só quer ter o apoio da franquia e mais nenhum elo. E aí, para minha surpresa, me perguntaram se não queria a loja do Barro Preto. Respondi que já tinha visto um espaço no Burutis, mas insistiram em me passar a grande loja do clube, me oferecendo um desconto e condições de financiamento”, informa, lembrando

que pensou naquela hora que, se aceitasse, iria ser dono da principal loja do grupo.

“Pedi, então, um desconto maior com a condição de pagar à vista. E assim fechamos o negócio, eu, um médico, ocupando um espaço no Barro Preto onde o meu clube construiu uma bela história. Juntei-me a pessoas que conheciam melhor o negócio e levamos o projeto adiante. Deu tão certo que hoje já temos três lojas. E o melhor de tudo: meu filho não virou atleticano e hoje ele é tanto, ou até mais do que eu, cruzeirense. Enfim, tudo terminou maravilhosamente bem” – regozija-se.

Vida junto ao clube

A partir daí, José Cupertino começou a criar também um círculo de amizade no Cruzeiro. Conheceu diversas pessoas ligadas ao clube que o levaram a ficar mais próximo da instituição. Inclusive, ele conheceu sua segunda esposa dentro do clube. “E foi na época mais difícil da minha vida, quando me separei, que fui tão bem acolhido socialmente. Sempre gostei do time Cruzeiro, mas foi a partir de então que passei a conviver com as pessoas da sua parte mais social. Creio que já tenho uma bela história com o Cruzeiro, mas é uma his-

tória que se enriquece mais a todo dia e que, com certeza, nunca terá fim”, salienta.

Hoje ele é também conselheiro, ressaltando que hesitou muito em aceitar o cargo porque não queria jamais viver um conflito de interesses: o comercial com o emocional. Mas, depois que o clube virou SAF, não viu mais problema em aceitar, até porque quem assumiu o futebol foi o Pedro Lourenço, que está interessado apenas no bem do Cruzeiro. “Ou seja, como conselheiro a gente não tem mais contato direto com o futebol. Fica bem tranquilo trabalhar exclusivamente pela associação”, garante.

Melhores lembranças

Mudando de assunto para o futebol, o endocrinologista considera como o grande time do Cruzeiro a equipe de 1976 que conquistou a Libertadores. “Quem viu Joãozinho jogar sempre vai se lembrar dele em campo. Palhinha, Jairzinho, Piazza, Nelinho... meu Deus, que jogadores fantásticos. E ainda tinha o Zé Carlos, o Eduardo Rabo de Vaca e o Roberto Batata, que infelizmente nos deixou prematuramente. Já vi muitos grandes times do Cruzeiro, mas esse foi, para mim, simplesmente excepcional”, assegura.

Para ele, esse time de 1976 foi o que marcou mais sua vida por ter lhe sedimentado na condição de cruzeirense. Mas a equipe de 2013, que teve a oportunidade de acompanhar seus jogos com mais

clareza, foi também fantástica, algo realmente fabuloso. “Aquele time a gente ia assistir sabendo que iria ganhar. A gente só não sabia de quanto seria. Coletivamente, talvez tenha sido o que jogou de maneira mais harmônica. Também não há como deixar de destacar o timaço de 2003, que conquistou a histórica Tríplice Coroa. Aquela equipe comandada pelo meia Alex deixou saudades”, comenta.

Nascidos para a felicidade

Ele cita ainda vários outros momentos felizes do clube, com seus grandes times que conquistaram títulos importantes, como aqueles que ganharam as Supercopas. E, também, todos que venceram a Copa Brasil, especialmente os envolvidos nas vitórias de 1996, quando, contra todos os prognósticos, a raposa ganhou do Palmeiras em São Paulo, que à época era disparada a melhor equipe do país; e o título de 2000, contra o São Paulo, no Mineirão, com uma virada heroica no fim do jogo.

“Enfim, não temos do que reclamar, pois como bem diz o nosso hino, construímos com o tempo páginas heroicas e imortais. Não temos o direito de deixar de lado o time de 1997, que apesar de não encher nossos olhos era muito aguerrido e nos deu o segundo título da Libertadores. Ou seja, nós nascemos para ser felizes, mesmo que em alguns momentos a situação não nos abra grandes sorrisos. Nós nascemos para ser cruzeirenses. E ponto final!”, completa.



O TORCEDOR DAS MIL E TANTAS CAMISAS

Cruzeirense desde o dia em que nasceu, Paulo Martins levou sua paixão para tudo que representa o clube e, hoje, tem uma das maiores coleções do país

Administrador de Empresas, casado, pai de dois filhos e cruzeirense desde o primeiro dia de sua vida (como gosta de dizer), Paulo Martins, mais do que levar o clube no coração, carrega também o orgulho de ter construído uma das maiores (se não for a maior) coleção de camisas de um clube no Brasil. Antes, porém, de falar sobre suas coleções (não é só de camisas), ele faz questão de relatar toda a paixão que tem pelo time, que, segundo ele, foi herdada de seu saudoso pai, que desde sempre o ensinou e mostrou o quanto é verdadeira a afirmação de que “paixão que vem de berço”.

“Eu sou uma pessoa de poucas paixões, mas certamente uma delas é o Cruzeiro. Desde muito cedo comecei a frequentar estádios e a acompanhar os jogos do time. Tenho lembranças incríveis de seguir os jogos com meu Pai pelo radinho de pilha, quando o Cruzeiro jogava fora de Belo Horizonte ou quando não íamos ao estádio. Levo comigo uma saudade muito grande dessa época, onde o acesso a imagens e informações era muito mais difícil do que nos dias de hoje, e o rádio era o maior e mais eficiente meio de comunicação”, relembra o torcedor.

Ele conta que pode ver e ouvir grandes jogos dos anos 1970, como as memoráveis partidas da primeira conquista da América, a perda do mundial para o Bayern, os gols e jogadas antológicos do Joãozinho, as faltas incríveis do Nelinho,



os gols de Palhinha, a raça do Piazza e os lances de quem, para ele, foi o maior jogador de todos os tempos do Cruzeiro, o Príncipe Dirceu Lopes. “Cresci e aprendi a amar este clube vendo esses que são os meus maiores ídolos. Forjei-me nos anos 1980, talvez uma das décadas mais difíceis que acompanhei do time, mas foi ali a consolidação do amor por esta instituição”, afirma.

Coleções

O colecionismo, segundo ele, surgiu como algo muito natural, pois desde pequeno gostava de guardar coisas, adquirir revistas, chaveiros e qualquer objeto relacionado ao futebol. “O processo das

camisas foi um caminho lógico e hoje, depois de mais de 30 anos nesse processo, tenho um acervo que conta grande parte de nossa gigantesca história, que ao longo do tempo transformou o Palestra em Cruzeiro, uma potência mundial, respeitado e amado por milhões. Tenho certeza de que seria inconcebível falar de qualquer coisa a meu respeito sem que o Cruzeiro esteja presente”, diz.

Foi no início dos anos 1990 que colecionar camisas passou a ser algo diretamente ligado à sua vida, obviamente fruto da paixão pelo futebol e pelo Cruzeiro. Começou mesmo no auge da Supercopa, quando já trabalhava e conseguia comprar suas camisas. “Inicialmente eram peças



de lojas, mas, com o passar do tempo, foram sendo trocadas por camisas usadas ou preparadas para jogos. Hoje, cerca de 30 anos depois, já são mais de 1.100 camisas do Cruzeiro, uma coleção com peças icônicas de grandes ídolos e momentos inesquecíveis”, informa.

Como item mais antigo do acervo, Paulo Martins tem uma medalha original do primeiro tricampeonato, de 1928/1929/1930, quando o clube ainda era Palestra Itália. “Tenho camisas de todos os nossos grandes títulos, duas Libertadores, quatro brasileiros e seis copas do Brasil. Das décadas de 1960 e 1970 tenho pelo menos uma camisa de cada ano”, revela.

E da década de 1980 para cá, o colecionador guarda quase todas as camisas usadas pelo clube. “Ou seja, tenho peças que foram vestidas por vários ídolos que fizeram, e fazem, parte de nossa história, como Tostão, Dirceu Lopes, Piazza, Nelinho, Palhinha, Joãozinho, Zé Carlos, Perfumo, Douglas, Careca, Ronaldo, Ademir, Nonato, Alex, Sorin, Ricardinho, Dida, Fábio...”, afirma. As peças que Paulo Martins guarda são tantas, e algumas sentimentalmente supervaliosas para ele, que todo seu acervo teve de ser transferido para um local próprio, onde pode ficar guardado com cuidado e nas condições ideais de preservação. Afinal, trata-se de um verdadeiro tesouro... azul e branco.





FERNANDA, A CRUZEIRENSE

Aos 11 anos chorou copiosamente pela perda da Liberta de 2009, mas ali entendeu que iria com sua paixão às cores azul e branca até o final da vida

Fernanda Figueiredo Hermsdorff Cordeiro é produtora de conteúdos para suas redes sociais e para o GloboEsporte como representante da torcida cruzeirense. Claro que ela é torcedora fervorosa da Raposa, uma paixão nascida ainda no berço e herdada de seu pai. “Mas, o amor incondicional foi construído ao longo da vida. Meu pai, por mais que seja cruzeirense incontestável, nunca foi exatamente fanático, de ir ao estádio, viajar para ver o clube ou cancelar compromissos para assistir jogos do time. Entretanto, eu me tornei essa pessoa. Ser Cruzeiro é uma das qualidades mais marcantes sobre mim e a característica mais citada pelos conhecidos: Qual Fernanda? A cruzeirense?, dizem eles quando querem se referir a mim”, explica.

Com 28 anos e natural de Ipatinga-MG, ela é graduada em administração pública e acabou de concluir o sétimo período de jornalismo. E trabalha como servidora pública do Estado de Minas Gerais. Aos 17 anos se mudou para BH para cursar faculdade. “Escolhi um apartamento bem pertinho do Mineirão com a desculpa de que era também próximo de onde iria estudar. Logo no primeiro mês já fiz meu sócio-torcedor. Desde então, sou presença cativa em todos os jogos do Cruzeiro em casa e, quando consigo, fora também. Quando vim para a capital, não conhecia praticamente ninguém e todos os amigos que fiz aqui foi por causa do clube, inclusive o meu marido”, conta.



Hobby, trabalho e sobretudo amor

Foi também por causa do clube que começou a produzir conteúdo para a internet, inicialmente no Twitter (atual X), depois com lives no Youtube durante a pandemia (que era o único lugar que se podia debater futebol com centenas de pessoas ao mesmo tempo sem desrespeitar o distanciamento) e logo chegou ao Instagram e ao Tiktok. “A partir daí, comecei a receber convites de várias marcas para fazer parcerias e o irrecusável convite da Rede Globo para ser a voz da torcida do Cruzeiro no GloboEsporte, dando minha opinião sobre o clube depois dos jogos e em podcasts ao vivo. Como deu para perceber, o Cruzeiro é o amor da minha vida que eu transformei em hobby e até em trabalho. É uma parte de mim impossível de se desvencilhar e da qual eu tenho extremo orgulho”, afirma.

Segundo ela, torcer para um time com tantos títulos e tantas glórias é uma honra enorme, mas foi nos momentos mais tristes de sua história que sentiu dentro da sua alma o quanto ama o clube. “Foi na final da Libertadores de 2009, quando tinha apenas 11 anos e chorei tudo que podia, que me entendi verdadeiramente cruzeirense. Ali, eu ainda não sabia o que era impedimento ou qual função um primeiro volante desempenhava, mas eu compreendi que iria defender as cores azul e branco até o fim da minha vida”, afirma.

E foi em 2021, nas profundezas da Série B, que, de acordo com a influenciadora, entendeu que sua vida não teria mais sentido se esse time acabasse. “Foi uma cada facada que levamos nos confins da segunda divisão, que o amor sangrou. Porque um torcedor de verdade aplaude as vitórias, mas sofre junto em cada derrota. Abracei, senti e vivi o Cruzeiro em cada ponto da montanha-russa que ele pilota desde que me entendo por gente, e continuarei até depois de voltar ao pó. Alguns podem dizer que eu sou cruzeirense roxa. Mas, eu sou é azul”, completa.





A GAROTA PRODÍGIO

No momento mais difícil pelo qual o clube passava ela estava lá, com apenas 12 anos, mas dando exemplos do verdadeiro amor que se deve ter pelo time

Alicia Reis é uma garotinha de 12 anos, mas que já iniciou uma trajetória no Instagram como modelo de passarela e modelo fotográfica. Mas é também presença constante nos jogos do Cruzeiro e, de algum tempo para cá, passou a chamar a atenção nas arquibancadas, dando início ao reconhecimento do público e ao crescimento de sua atuação como influenciadora.

Foi durante a campanha do Cruzeiro na Série B que Alicia marcou presença em todos os jogos, demonstrando seu amor e fidelidade ao clube. Sempre incentivando os torcedores ao seu redor, ficou conhecida pela frase: Acompanhar na fase boa é fácil. Acompanhar e apoiar na fase ruim é para quem ama.

Sua paixão pelo clube conquistou espaço nas arquibancadas e também na mídia. A garota passou a ser frequentemente registrada por fotógrafos, especialmente por assistir às partidas nos ombros de seu avô, Carlos Reis. Debaixo de sol ou de chuva, nunca deixou de apoiar o time, tornando-se uma figura marcante entre os torcedores.

Sua presença constante fez com que fosse reconhecida não apenas pela torcida, mas também pelos jogadores do Cruzeiro. No histórico acesso do

clube para a Série A, muitos atletas já a conheciam por vê-la em todos os jogos. Como forma de reconhecimento por sua dedicação e amor ao clube, ela foi convidada a entrar em campo para participar da comemoração pela subida ao lado do elenco. Esse foi um dos momentos mais marcantes e emocionantes de sua trajetória como torcedora.

Depois desse momento histórico, sua visibilidade cresceu ainda mais. Diversos jogadores do grupo, ex-jogadores, personalidades ligadas ao Cruzeiro e grandes nomes do futebol passaram a

acompanhar seu trabalho nas redes sociais. Entre eles, Ronaldo Fenômeno, além de outros ídolos e figuras importantes do esporte. Esse reconhecimento reforçou a autenticidade de sua trajetória e a força de sua conexão com o clube.

Com essa dedicação, Alícia recebeu destaque em reportagens e entrevistas em emissoras de televisão, ampliando sua visibilidade e fazendo com que seu perfil nas redes sociais crescesse de forma orgânica, impulsionado pela autenticidade e pelo amor pelo Cruzeiro.





Podcast no YouTube

Estudante do 6º ano do ensino fundamental, a garota, além da dedicação aos estudos, faz curso de inglês e é atleta de taekwondo, modalidade na qual já é faixa roxa. Apaixonada por esportes, ela também ama os animais, viajar e aproveitar momentos ao lado da família e dos amigos. Acima de tudo, é uma torcedora apaixonada pelo Cruzeiro, clube que acompanha com dedicação, orgulho e amor desde bem pequena.

Atualmente, a menina prodígio apresenta o *Alícia Cast*, programa exibido no YouTube e dedicado ao universo do Cruzeiro. No podcast, entrevista pessoas que fizeram e continuam fazendo parte da história do clube. Entre seus convidados estão



jogadores do elenco atual, ex-jogadores, ídolos e torcedores que são referência para a torcida celeste, proporcionando conversas que valorizam a história e a paixão pela Raposa.

Apesar de se tornar uma pessoa tão conhecida, mesmo com tão pouca idade, Alícia não deixa nunca de estar presente junto do time. Ainda vive cada partida ao lado de sua família, sempre acompanhada (e nos ombros) de seu avô, de sua avó, Kátia Reis, e de sua mãe Laís Reis. Todos compartilhando e incentivando a paixão pelo Cruzeiro.

Para conhecê-la melhor, seu Instagram é: [@aliciaareeis](#)



E ASSIM NASCEU A MÁFIA AZUL

Tudo começou nos embalos de sábado à noite. A onda era curtir Bee Gees e dançar muito ao som de Santa Esmeralda e Donna Summer

Domingo era dia de ir às discotecas Jambalaya, Crocodilus e Alex I e II.

Entretanto, invariavelmente ele separava o sagrado horário do futebol para frequentar o Mineirão nos jogos do Cruzeiro. E ficava pulando

de torcida em torcida: Raposões Independente, Cru-Chopp, Torcida Jovem, mas sempre com muita vontade de ter sua própria torcida.

Foi assim que em 1976, no que chamavam de agito (encontro de bairros com suas rixas), no caso as turmas do Jaraguá, Cidade Nova, Floresta, Prado e da rua Tupis, Eder Toscanini, superconhecido junto aos cruzeirenses como Tosca, resolveu finalmente criar uma torcida. Mas qual o nome dar a ela? Diante das brigas nas discotecas e das turmas de bairros, teve então a ideia de colocar Máfia. Jamais passou pela cabeça dele que, naquele instante, estava ando asas para o voo de uma das maiores torcidas organizadas do Brasil: a Máfia Azul. .

Tosca e seu irmão Henri Godinho (o Pipa) resolveram pintar uma faixa para levar ao Mineirão. Mas, como não tinham condições de comprar o pano, pegaram um lençol branco da avó. Foi ela mesma quem pintou as palavras MARFIA AZUL sobre o pano. “Reclamei que estava errado, mas o Pipa falou que era daquela forma mesmo. Meu irmão tinha na época 16 anos e eu 15. Resolvi aceitar o que ele afirmava e acabei deixando a faixa como estava. Era até difícil alguém ler o que estava escrito naquele lençol, pois era ele realmente pequeno. Mesmo assim, fomos com a faixa em todos os jogos, algo que durou uns seis meses”, conta.

A partir de 1978, segundo ele, a faixa que tinham já era a maior do Mineirão, e quem a levava para o Mineirão era o grande jogador Eduardo Rabo de Vaca, no seu Fuscão. “Era um orgulho para nós”, revela o criador da Máfia Azul, lembrando que no começo dos anos 1980 juntou uma turma para pintar outra faixa. Dessa vez sem erro, já com o nome Organização Máfia Azul Floresta.

“Foi aí que surgiram novos colaboradores e os legítimos fundadores da torcida”, afirma Tosca, destacando os nomes de Alexandre Bastão, David Tanure, Caquinho Ornelas, Reginaldo Lima, Lincoln Mialarett, Antônio Leite Patola, Emílio Messias, Tonico Rocha, Alexandre Porcão Valadares, Ricardo Gatti, Francisco Ferreira, Fabiano Rabo de Vaca, Beto Índio, Chicô Gatti, Sérgio Braga, Pedro Fiorini, Disnô Risne, Eunice Duarte, Fernando Mandiopã, Leco Volponi, Ricardo Gueibe, os irmãos Sérgio Colares, Wilson Colares e Roberto Colares, Sulaiman Matos, Frederico Avelar, Leonardo Starling, Juninho Afonso, Estevão Rodrigues Cuspe, Getulinho Ferreira, Torrão Ferreth, os irmãos Flávio e Fúlvio Fantonni, Gilmar Sampaio, Rato Sampaio, Zé Luiz Jordânia, Renoir, Paulão Mizeranni e Rogerio Amaral. O bairro Floresta se fortaleceu e nos unimos em prol da nossa, agora realmente, torcida organizada: a Máfia Azul”, relembra.

A partir de então, de acordo com ele, a Máfia foi crescendo e nunca mais parou, saltando até fronteiras, como dos Estados Unidos, França e Austrália. “Ela foi a primeira torcida do Brasil a ser caracterizada como de utilidade pública e também a primeira a ter uma parceria empres-

rial, no caso juntamente com o Cruzeiro Esporte Clube”, informa.

Tosca destaca o primeiro patrocinador que tiveram, a ICIMAL – Indústria e Comércio Irmãos Magalhães. “Isso aconteceu em 1983 e jamais vamos esquecer dessa empresa. Foram as primeiras 100 camisas da torcida que tivemos. Uma grande alegria que vivemos com aquele momento”, enfatiza.



A comemoração e o ídolo

E onde estava e como viu a conquista de seu clube, em 1976, o ainda desconhecido torcedor Tosca? “Eu tinha apenas 14 anos, era a noite, e não conseguia entender bem a matemática. Se ganhamos o primeiro jogo por 4 a 1 e perdemos o segundo por 2 a 1, por que a necessidade de uma terceira partida. O que interessa mesmo é que vencemos por 3 a 2 e pudemos extravasar nossa grande alegria”, diz.

E continua contando que, bem novinho, saiu do bairro Colégio Batista correndo pelas ruas Ponte Nova, Sabará e Guanhães, berrando é campeão, numa carreira só que parecia um doido. “Depois, paramos a Praça 7 com milhares de torcedores para a nossa festa, pois a primeira Liberta de Minas foi meu time quem deu. Uma grande tristeza que tive foi não ver o Roberto Batata na volta do Chile para o Brasil”, afirma

Tosca confessa que sua grande decepção era nunca ter visto de perto seu maior ídolo do futebol: o cracaço Joãozinho. E revela que ia à casa do jogador, no bairro Dom Cabral, quase sempre, e nunca conseguia vê-lo. E que ficava o dia todo no posto de gasolina que o ídolo tinha no bairro Floresta, e não conseguia vê-lo. “Então, ele foi embora para América e eu perdi as esperanças. Em 2020 eu comentei esse fato nas redes sociais, seu filho leu minha tristeza e repassou o post para o pai, nos estados Unidos. Pois não é que 25 dias depois, Joãozinho foi à Toca 1 e me presenteou com um quadro do gol da Liberta 76? Quase que infartei ao vê-lo na minha frente. Foi um dos maiores presentes que ganhei na vida: conhecer meu ídolo número 1 no futebol, de todos os tempos, e sem correr atrás como antes. Foi simplesmente emocionante... e genial”, define.



Acompanhe, escolha e embarque

Oferecemos 80 viagens diariamente em nossos serviços; Acompanhe os horários (sujeitos a alterações) da linha executiva na revista e consulte sempre nossas plataformas.

MAIS
CONFORTO

MAIS
RÁPIDO

MAIS
ECONÔMICO



CONEXÃO AEROPORTO — EXECUTIVO

BH → CONFINS

Dias úteis

* Via Cristiano Machado

06:00 / 06:30 / 07:30* / 08:00 /
09:30 / 10:00 / 11:30 / 15:00 / 14:00 /
14:30 / 15:00 / 14:00 / 14:30 / 15:00
15:45 / 16:15 / 18:15 / 19:50

Sábado

06:00 / 07:00 / 08:00 / 08:00 / 10:00 /
11:00 / 12:00 / 13:00 / 14:00 / 15:00 /
15:00 / 16:00 / 17:00 / 18:00

Domingo

07:00 / 08:00 / 09:00 / 10:00 / 11:00 /
11:00 / 12:00 / 14:00 / 15:00 / 17:00 /
15:00 / 16:00 / 17:00 / 18:00

CONFINS → BH

Dias úteis

12:00* / 13:00 / 15:30 / 16:30
17:00 / 18:30 / 20:45

Sábado

06:30 / 09:30 / 10:30 / 11:30 / 12:30
13:30 / 15:30 / 16:30 / 18:30 / 20:45

Domingo

08:30 / 10:30 / 12:30 / 15:30 / 15:30
15:30 / 16:30 / 16:30 / 19:45 / 20:45

08:30 / 10:30 / 12:30 / 15:30 / 15:30
15:30 / 18:30 / 19:45 / 20:45 / 20:45

* Via Cristiano Machado

Conexão | unir

Compre on line

Acesse nossas plataformas para consultar horários atualizados e garantir sua compra com praticidade.



www.conexaoaeroporto.com.br

Terminal Álvares Cabral - (31) 3224-1002 - (31) 99737-9751 / Terminal Aeroporto Confins (31) 99737-8751

CONEXÃO AEROPORTO



LOJA DO CRUZEIRO

Barro Preto • Buritis • Outlet Contagem



Bermuda moletom Osfox (masculina)

Material: 100% poliéster

Tamanho: P ao 2GG

R\$99,90



Short corrida Osfox (masculino)

Material: 94% poliéster 6% elastano

Tamanho: P ao 2GG

R\$129,90



Calça Osfox (masculina)

Material: 94% poliéster 6% elastano

Tamanho: P ao 2GG

R\$159,90



Corta vento azul marinho Osfox (masculino)

Material: 100% poliéster

Tamanho: P ao GG

R\$199,99



**Legging run Osfox
(feminino)**

Material: 94% poliéster 6% elastano

Tamanho: P ao GG

R\$129,90



**Bermuda run Osfox
(feminina)**

Material: 94% poliéster 6% elastano

Tamanho: P ao GG

R\$89,90



**Top run Osfox
(feminino)**

Material: 94% poliéster 6% elastano

Tamanho: P ao GG

R\$89,90



**Cropped Osfox
(feminino)**

Material: 92% poliamida 8% elastano

Tamanho: P ao GG

R\$99,90



**Short saia Osfox
(feminino)**

Material: 92% poliamida 8% elastano

Tamanho: P ao GG

R\$129,90

Obs.: valores sujeitos a alteração.

BARRO PRETO

Rua Araguari, 590

Barro Preto, Belo Horizonte/ MG - CEP: 30.190-114

Telefone: - (31) 2531-0563

BURITIS

Av. Professor Mário Werneck, 1.360 - Loja 104

Buritis, Belo Horizonte/MG - CEP: 30.455-610

Telefone - (31) 99632-7975

OUTLET CONTAGEM

Av. Cardeal Eugênio Pacelli, 1.336

Cidade Industrial, Contagem/ MG - CEP: 32.210-002

Telefone: (31) 3046-9527

A ERA DO TREINO INTELIGENTE CHEGOU À CORRIDA

A corrida vive um dos maiores momentos da sua história. Nunca tantas pessoas decidiram calçar um tênis e sair para correr. A busca por saúde, bem-estar e longevidade transformou o esporte em um movimento que cresce ano após ano. Mas existe um paradoxo. Embora correr seja uma das atividades mais democráticas do mundo, evoluir na corrida ainda não é.

A maioria dos corredores treina sem orientação adequada. Muitos recorrem a planilhas genéricas encontradas na internet, enquanto outros desistem diante do alto custo de uma assessoria esportiva personalizada. O resultado é conhecido: lesões, estagnação, falta de motivação e abandono precoce do esporte.

Ao mesmo tempo, uma grande tendência vem transformando diversos mercados: a hiperpersonalização. A inteligência artificial deixou de ser apenas uma ferramenta de produtividade para se tornar uma tecnologia capaz de compreender contexto, adaptar experiências e acompanhar pessoas de forma individualizada. No esporte, essa mudança representa uma oportunidade enorme.

“O futuro da corrida não será definido apenas por quem corre mais rápido, mas por quem consegue tornar o conhecimento esportivo acessível para milhões de

pessoas”, afirma Eduardo Renault, fundador da Pacer. “Nossa missão é fazer com que qualquer pessoa tenha acesso a um treinamento inteligente, independentemente da cidade onde mora ou da renda que tem.”

Foi dessa visão que nasceu a Pacer, uma plataforma que combina ciência do esporte e inteligência artificial para criar planos personalizados, acompanhar a evolução do atleta e adaptar os treinos conforme a realidade de cada semana. Afinal, a vida acontece: viagens, excesso de trabalho, noites mal dormidas e mudanças de rotina fazem parte da jornada de qualquer corredor.

A escolha pelo WhatsApp também faz parte dessa estratégia. Em vez de exigir mais um aplicativo, mais um cadastro e mais uma curva de aprendizado, a Pacer leva a experiência até o ambiente onde o brasileiro já organiza sua rotina e se comunica diariamente. “Quando a tecnolo-

gia reduz barreiras em vez de criá-las, ela deixa de ser apenas inovação e passa a gerar impacto real na vida das pessoas”, assegura Eduardo Renault.

A próxima grande transformação do esporte será tornar o treinamento inteligente tão acessível quanto a própria corrida. Quando ciência, tecnologia e personalização caminham juntas, mais pessoas conseguem começar, evoluir e permanecer praticando atividade física.

No fim, correr nunca foi apenas sobre performance. É sobre descobrir, um passo de cada vez, que somos capazes de ir mais longe do que imaginávamos. E a tecnologia, quando usada com propósito, pode ser a melhor companhia nessa jornada.



Eduardo Renault,
fundador da Pacer



◆ Marcos Lopes ◆

Empreendedor, fundador e CEO da Club'in Tech, idealizador e membro da APX – Club – Empreendedores na Nova Economia.

📱 @marcoslopesfaria | @apx.club



COPINHOS DOSE



GARRAFA TÉRMICA



GARRAFA ÁGUA PLÁSTICO



CHINELO



BALDE DE PIPOCA



TAÇA DE VIDRO EDIÇÃO ESPECIAL



CANECA DE VIDRO GRANDE



CANECA DE VIDRO MÉDIA

★ ★ ★ **LOJA DO CRUZEIRO** ★ ★ ★
Barro Preto • Buritis • Outlet Contagem

Instagram:
@cruzeiroofficialstore
@loja.cruzeiro.outletcontagem
@loja.cruzeiro.buritis



TULIPA DE VIDRO PARA CERVEJA



CANECA TÉRMICA COM TAMPA



RAPOSÃO PELÚCIA



RAPOSINHA PELÚCIA



GARRAFA TÉRMICA COM TAMPA



CHINELO NUVEM



BOLA



BOLA CABULOSO



PARA O INFINITO E ALÉM

***Toy Story 5* chega às telas cercado por um desafio maior do que a bilheteria: mostrar que os adoráveis Woody e Buzz são brinquedos à prova do tempo**

Eu me lembro de ter assistido ao primeiro *Toy Story* no Ponteio. E não era por causa daquela sala superconfortável que eles têm hoje — até porque ainda demoraria para Belo Horizonte ganhar esses cinemas com projeção cristalina, som digital, poltronas reclináveis e todo o arsenal tecnológico que atualmente parece obrigatório. Era janeiro de 1996 e eu escolhi o shopping por um motivo simples: era o único exibindo o filme com áudio original em inglês. Eu já sabia que a voz do caubói Woody era de ninguém menos que Tom Hanks — e isso, para mim, fazia parte do espetáculo.

Toy Story já era um acontecimento antes mes-

mo da estreia nos Estados Unidos, em novembro de 1995. Vendido como o primeiro longa-metragem inteiramente feito em computação gráfica, era também programa obrigatório para quem ama boas histórias — sobretudo as que ganham corpo na tela grande. Por trás daquela revolução silenciosa estava Steve Jobs. Sim, ele mesmo. À época afastado da Apple, Jobs havia comprado a divisão gráfica da Lucasfilm, que se transformaria na Pixar. Sua empresa, então especializada em hardware e supercomputadores, enfrentava dificuldades, e ele decidiu apostar na ideia de que animação por computador poderia, sim, ser cinema de verdade — e, de quebra, ajudar

a vender hardware e supercomputadores! O resto é história. *Toy Story* marcou o momento em que a tecnologia deixou de ser mera ferramenta auxiliar da imaginação cinematográfica para se tornar seu próprio meio expressivo. De quebra, a Pixar virou um dos estúdios mais criativos, celebrados e rentáveis de Hollywood. Mas, claro, para esse plano dar certo, não bastava ter bilhões de bytes de processamento e milhões de dólares à disposição. Era preciso ter bons roteiros, ter personagens com alma e coração. E isso o filme tinha — e ainda tem — de sobra.

No *Toy Story* original, os brinquedos do garoto Andy entram em pânico com a chegada de um rival moderno: Buzz Lightyear, astronauta cheio de luzes, botões, asas retráteis, voz eletrônica e toda a parafernália futurista capaz de enlouquecer qualquer criança. O medo dos brinquedos que ganham vida quando ninguém está por perto é justamente ser abandonado pelo dono — e isso Woody, o velho e ciumento caubói, definitivamente não vai deixar acontecer sem luta. O roteiro mistura nostalgia, melancolia, diálogos afiados, humor para todas as idades, ação desenfreada e estabelece Woody e Buzz como uma improvável dupla de heróis, que conquistou não só as crianças, mas crianças de todas as idades.

Toy Story nunca foi só uma façanha técnica. Vale lembrar que essa revolução digital não aconteceu sozinha. No Brasil, Cassiopeia também entrou cedo nessa corrida da animação por computador para brigar pelo título de “primeiro

filme feito totalmente em computador”. A diferença é que a Pixar soube transformar invenção em linguagem, linguagem em emoção e emoção em negócio. Talvez esteja aí o segredo do império. O primeiro *Toy Story* arrecadou cerca de US\$ 237 milhões no mundo. E daí vieram *Toy Story 2*, *Toy Story 3*, *Toy Story 4*... (juntas, as três sequências somam cerca de US\$ 2,63 bilhões em bilheteria mundial). Seus personagens entraram direto para a cultura pop. No meio do caminho, a Disney comprou a Pixar por US\$ 7,4 bilhões. A franquia virou máquina de licenciamento, brinquedos, games, parques e streaming... uma propriedade intelectual que atravessa gerações sem parecer desgastada. Será?

Tudo isso nos leva a *Toy Story 5*. Se, há 30 anos, Buzz já parecia uma ameaça tecnológica para os brinquedos de Andy, imagine agora, quando Woody e companhia precisam disputar a aten-

ção das crianças com tablets, algoritmos, redes sociais e um universo digital que sequestra o olhar em segundos. Vai faturar outro bilhão? Eu não duvidaria. Mas a expectativa real não é técnica, nem mercadológica. É emocional. Depois de um terceiro filme que parecia encerramento perfeito e de um quarto que funcionou como epílogo elegante, o quinto precisa justificar sua existência com mais do que nostalgia. Precisa reencontrar aquela combinação rara de humor, melancolia e afeto que fez a franquia sobreviver ao próprio sucesso. E lá vou eu, de novo, procurar uma sessão com áudio original para ver *Toy Story 5*...



◆ Carlos de Campos ◆

Carlos de Campos é publicitário, especialista em marketing e cinema.

Instagram @chcampos

IGOR ESCOBAR: QUANDO A HISTÓRIA ENCONTRA A GASTRONOMIA

Para Igor Escobar, cozinhar nunca foi apenas uma profissão. É uma forma de contar histórias, preservar tradições e proporcionar experiências que transportam as pessoas para outras épocas.

Formado em Administração, com pós-graduação em Finanças, Igor iniciou sua graduação em Gastronomia por uma necessidade profissional. No entanto, aquilo que começou como uma ferramenta para aperfeiçoar sua atuação no mercado rapidamente se transformou em uma verdadeira paixão.

Sua trajetória sempre esteve ligada à gastronomia. Vindo de uma família de empreendedores do setor, cresceu em meio aos restaurantes e eventos. Foi no tradicional Villa Rural, empreendimento familiar, que passou boa parte de sua formação prática, aprendendo o valor da boa cozinha, do atendimento e da dedicação aos detalhes. Também foi proprietário do buffet Fratelli, experiência que ampliou sua visão sobre gestão e hospitalidade.

Apesar da carreira consolidada na gastronomia, sua maior paixão sempre foi a História. Durante muitos anos, sonhou em cursar Arqueologia, fascinado pelas civilizações antigas e pela forma como o passado ajuda a compreender o presente. Entretanto, diante da pouca valorização da área no Brasil, decidiu seguir outro caminho profissional, sem nunca abandonar esse interesse.

Foi durante uma temporada na Itália que encontrou a inspiração para unir suas duas grandes paixões. Observando a riqueza histórica, cultural e gastronômica do país, percebeu que era possível transformar esse universo em uma experiência única para o público.

Assim nasceu, em 1º de dezembro de 2022, a Forja, uma taverna medieval criada para oferecer muito mais do que refeições. O projeto combina pesquisa histórica, gastronomia inspirada em diferentes períodos da Idade Média e uma ambientação cuidadosamente planejada, proporcionando aos visitantes uma verdadeira imersão em outra época.

Hoje, Igor Escobar dedica-se a desenvolver um conceito que vai além da culinária. Seu objetivo é mostrar que a gastronomia pode ser uma poderosa ferramenta para preservar a história, despertar a



Igor Escobar é fundador da Forja Taverna e transformou sua paixão por História e gastronomia em uma experiência medieval única em Belo Horizonte

curiosidade e criar experiências memoráveis. A Forja representa a realização de um sonho: unir conhecimento, empreendedorismo e paixão em um único lugar, onde cada prato conta uma história e cada detalhe convida o visitante a viajar no tempo.

A Forja Taverna é uma taverna medieval localizada na Savassi, em Belo Horizonte, criada para proporcionar uma experiência imersiva inspirada nas antigas tavernas europeias. Com gastronomia temática, hidromel artesanal, música medieval ao vivo, personagens interativos e atrações como arremesso de machado, magia, pirofagia e noites temáticas, a Forja une entretenimento, cultura e boa gastronomia em um ambiente único, tornando-se referência para fãs de fantasia, cultura medieval e experiências diferenciadas.



A FORJA
TAVERNA

Entre na taverna mais épica de Belo Horizonte!

**Música medieval ao vivo, hidromel,
gastronomia temática, desafios de arremesso
de machado, magia, pirofagia e muito mais...**



Viva uma experiência medieval de verdade.



Rua Cláudio Manoel, 500 – Savassi
Reserve pelo Instagram @forjатаverna

SEMIJOIAS: ENTRE O CLÁSSICO E O CONTEMPORÂNEO

A aposta do mercado é em design autoral, pedras naturais e herança familiar como tendências da temporada

O mercado de semijoias tem acompanhado uma mudança no comportamento do consumidor, que busca peças com maior durabilidade estética, identidade e versatilidade. Nesta temporada, materiais naturais, formas orgânicas, banhos em dourado e composições que transitam entre o clássico e o contemporâneo aparecem entre as principais tendências do segmento.

Nesse contexto, marcas brasileiras têm investido em coleções que unem tradição artesanal e design

autoral. É o caso da mineira Marré Infinito, fundada em 1991, cuja trajetória está ligada à continuidade de um empreendimento familiar iniciado por Mari Marré. Atualmente, a empresa é conduzida pela segunda geração, que ampliou sua atuação no mercado mantendo o foco no desenvolvimento de peças com linguagem contemporânea.

Entre os materiais utilizados pela marca estão gemas naturais, cristais Swarovski e acabamen-



Pat Marré traduz elegância e autenticidade em composições onde cada detalhe revela personalidade e sofisticação





**Design autoral que
transforma pedras
em verdadeiras
obras de arte**

tos em banho de ouro. O uso de pedras naturais acompanha uma tendência observada nas últimas temporadas, marcada pela valorização de elementos únicos da natureza. Como cada gema apresenta características próprias de tonalidade, textura e transparência, nenhuma peça é exatamente igual à outra, característica que vem sendo cada vez mais valorizada pelo consumidor.

Outra direção percebida na joalheria contemporânea é o retorno de acessórios com maior presença visual. Colares em diferentes comprimentos, brincos de volumes variados, anéis sobrepostos e pulseiras em composição reforçam a proposta de personalização do estilo, permitindo diferentes combinações para ocasiões formais e informais.

A preservação da história das marcas também tem ganhado espaço no setor. A Marré Infinito mantém um acervo com criações desenvolvidas ao longo de sua trajetória, reunindo peças produzidas desde a primeira geração da família. A iniciativa acompanha um movimento observado em diferentes segmentos da moda, que busca registrar processos criativos, técnicas e referências que contribuíram para a construção da identidade das empresas.

Em um cenário em que tendências convivem com a valorização da permanência e da autenticidade, o mercado de semijoias demonstra uma aproximação entre tradição, inovação e design, refletindo um consumo voltado para peças que ultrapassam a sazonalidade e dialogam com diferentes estilos.



◆ Rachel Capucio ◆

Advogada, com especialização em Marketing de Moda e em Moda: Arte, Tecnologia e suas Expressões. Atua como colunista analisando moda, comportamento e tendências contemporâneas.

📷 @rachelcapucio



O IMPACTO DO CALOR NOS ATLETAS

Com o aumento das ondas de calor no meio ambiente, é natural que haja impacto sobre pessoas que praticam exercícios físicos, especialmente os atletas. As consequências podem variar: desde o simples aumento da temperatura interna do corpo e maior desidratação até, em casos extremos, a exaustão causada por uma síndrome de superaquecimento.

Ao longo da evolução, nosso organismo se adaptou para viver em áreas quentes. Isso ocorreu por meio da multiplicação das glândulas sudoríparas, da formação de um corpo mais alongado, da redução da quantidade de pelos — facilitando a dissipação de

calor — e da respiração combinada nasal e oral, que melhora as trocas de ar.

Hoje, muitas pessoas se exercitam para manter a condição física aeróbica e a saúde. Outras, porém, treinam com intensidade para competir. Tornou-se comum a realização de eventos esportivos com milhares de participantes, como corridas de rua, maratonas, triatlons e outras modalidades disputadas sob calor escaldante.

Entre 2011 e 2020, registraram-se recordes de temperatura desde o início das medições sistemáticas, há 147 anos. Em 2020, a média global foi 1,2 °C acima dos níveis da era pré-industrial (1850–1900). Estima-se que esse aumento chegue a 1,5 °C entre 2030 e 2052. A urbanização crescente, com a concentração de prédios, cria verdadeiras “ilhas de calor”.

A temperatura corporal é regulada em torno de 36,6 °C. Em condições extremas, atletas de elite podem chegar a 41,5 °C sem prejuízo imediato. Quando sente calor excessivo, a pessoa adota atitudes conscientes: busca sombra, ingere líquidos frios, joga água sobre a cabeça, usa roupas leves ou descobre o corpo. O organismo, por sua vez, dilata as veias e aumenta a produção de suor para dissipar o calor interno.

Além da temperatura ambiente, fatores como umidade, velocidade do ar e intensidade da radiação solar influenciam diretamente na capacidade de resfriamento. Esses quatro elementos são considerados pelas associações esportivas e entidades médicas na escolha das estações e horários dos campeonatos. Do ponto de vista dos atletas, também pesam características individuais como peso, sexo, idade e condição física. Por exemplo, altas temperaturas combinadas com baixa umidade favorecem a evaporação do suor.

Participar desses eventos é celebrar a vida, aproveitar bons momentos, saborear vitórias e colher alegrias — como canta Jorge Ben Jor em *País Tropical*: “abençoado por Deus e bonito por natureza, que beleza”.



◆ Dr. Fábio Baião ◆

Médico ortopedista, cirurgião e mestre em Educação e Desenvolvimento Local.
É palestrante e autor do livro *Saúde: Compreender a Ciência para Ir Além*.

📷 @fabioribeirobaiao



A ARTE DA COZINHA MINEIRA

Rua Padre Odorico, 38, São Pedro, Belo Horizonte, MG



A MENTE QUE VENCE: O DIFERENCIAL DOS ATLETAS DE ALTA PERFORMANCE

Em 2026 celebramos os 50 anos da inesquecível conquista da Copa Libertadores da América pelo Cruzeiro, um marco que eternizou grandes atletas na história do futebol brasileiro. Ao relembarmos essa trajetória de dedicação, talento e superação, vale refletir sobre um fator que, muitas vezes, permanece invisível para quem acompanha o esporte: a força da mente.

Quando pensamos em atletas de alto rendimento, logo imaginamos treinos intensos, excelente preparo físico e técnica impecável. No entanto, existe um elemento indispensável para o sucesso que acontece longe dos gramados, das quadras e das pistas: a preparação psicológica.

A rotina de um atleta de alta performance envolve pressão constante, cobranças da torcida, expectativas da comissão técnica, responsabilidade com patrocinadores, exposição nas redes sociais e o desafio de lidar tanto com as vitórias quanto com as derrotas. Administrar todas essas emoções exige equilíbrio, inteligência emocional e preparo mental.

É justamente nesse contexto que a Psicologia do Esporte desempenha um papel essencial. O acompanhamento psicológico ajuda o atleta a desenvolver habilidades como foco, concentração, autoconfiança, resiliência, controle da ansiedade, gerenciamento do estresse e tomada de decisão sob pressão. Essas competências não apenas favorecem o desempenho esportivo, mas também contribuem para a qualidade de vida e a longevidade da carreira.

Os maiores campeões do mundo entendem que a

mente também precisa ser treinada. Um dos exemplos mais conhecidos é o jamaicano Usain Bolt, recordista mundial dos 100 e dos 200 metros rasos. Além de sua extraordinária capacidade física, Bolt sempre destacou a importância da confiança, da

preparação emocional e da tranquilidade para competir nos momentos mais decisivos. O que diferencia grandes atletas não é apenas o talento, mas a capacidade de manter o equilíbrio quando a pressão aumenta.

Essa realidade não se limita ao esporte profissional. As mesmas habilidades que fazem um atleta alcançar resultados extraordinários podem transformar a vida de qualquer pessoa.

Saber controlar a ansiedade, fortalecer a autoconfiança, desenvolver disciplina, manter o foco e lidar com desafios são competências importantes para estudantes, empresários, profissionais e qualquer indivíduo que deseje evoluir em sua trajetória.

Independentemente das cores da camisa ou da modalidade esportiva, existe uma verdade que une todos os campeões: antes de grandes atletas, eles são seres humanos. Cuidar da saúde mental deixou de ser um diferencial para se tornar uma necessidade.

Assim como o corpo precisa de treinamento para alcançar seu melhor desempenho, a mente também precisa ser fortalecida. Quando corpo e mente trabalham em sintonia, o resultado vai muito além das medalhas e dos troféus: ele se reflete em desempenho, equilíbrio, bem-estar e qualidade de vida.

Se você busca desenvolver seu potencial, superar desafios e conquistar resultados de forma mais saudável e consistente, saiba que esse também é o propósito da Psicologia. Afinal, os princípios que ajudam atletas de alta performance a vencer podem fazer toda a diferença na vida de qualquer pessoa.



♦ **Patrícia Alvarenga** ♦

Psicóloga, mestre, professora e consultora.
Diretora executiva-financeira do Ciee-MG.

📷 @patriciaav.psicologa

O SEXO É UMA MODALIDADE ESPORTIVA?

Este é um tema que sempre desperta curiosidade e muita dúvida

Ouçõ sempre uma pergunta que parece simples, mas que abre espaço para uma discussão interessante: “Existe alguma relação entre sexo e esporte?”

Poderíamos falar sobre um tema que sempre desperta curiosidade: fazer ou não sexo antes de uma competição esportiva. Durante décadas, atletas, treinadores e pesquisadores discutiram se a atividade sexual compromete ou melhora o desempenho físico. Entretanto, essa não é a reflexão que gostaria de propor.

Prefiro partir de uma frase do médico gerontologista e escritor inglês Alex Comfort, autor do clássico *The Joy of Sex*, que afirmava:

“O sexo é o esporte mais saudável de todos.”

À primeira vista, a frase pode soar como uma redução da sexualidade a uma simples atividade física. Mas acredito que Comfort pretendia dizer exatamente o contrário.

Todo esporte, para cumprir seu papel de promover saúde, precisa ser praticado com equilíbrio, respeito aos limites do corpo e prazer. Quando a busca pelo desempenho ultrapassa esses limites — seja pelo excesso de treino, pela obsessão com resultados ou pelo uso de substâncias para “bombear” o corpo — o esporte deixa de ser saudável.

Com a sexualidade acontece algo semelhante.

Uma vida sexual desconectada dos próprios dese-

jos, vivida apenas para corresponder às expectativas, provar competência ou colecionar conquistas pode até oferecer momentos de diversão, mas dificilmente produzirá bem-estar profundo.

O pioneiro da Sexologia no Brasil e um de meus mestres, o professor Ricardo Cavalcanti, sempre disse: “O sexo sem afeto não deixa de ser uma ginástica e um espasmo”. Essa frase continua extremamente atual.

Vivemos uma época em que o sexo passou a ser medido por indicadores de performance: duração da relação, intensidade da ereção, número de orgasmos, frequência das relações, criatividade, resistência física... Como se a intimidade pudesse ser transformada em uma competição.

E talvez seja justamente aí que o sexo mais se afasta do esporte.

No esporte, o desempenho geralmente faz parte da essência. Há metas, resultados, vencedores e recordes. Na sexualidade saudável, não deveria haver vencedores nem derrotados.

O melhor encontro íntimo nem sempre é o mais longo, o mais intenso ou o mais tecnicamente perfeito. É aquele em que duas pessoas conseguem estar verdadeiramente presentes, conectadas, livres da necessidade de provar qualquer coisa.

O corpo pode até se movimentar como numa atividade física. O coração, porém, precisa participar.

Talvez possamos atualizar a frase de Alex Comfort:

O sexo pode ser uma das atividades mais saudáveis da vida, desde que deixe de ser uma prova de desempenho e volte a ser um encontro entre pessoas.

Porque, quando a performance ocupa o lugar da presença, perde-se justamente aquilo que torna a sexualidade uma das experiências mais humanas que existem.



◆ Dr. Gérson Lopes ◆

Médico sexologista, palestrante e autor na área de sexualidade humana.

Instagram: @drgersonlopes | YouTube: @drgersonlopes
www.drgersonlopes.com.br

Vivence apresenta sua versão Prime

Mais conexão, mais estratégia e mais protagonismo

O mês de julho começou com um marco para o coletivo de mulheres Vivence. Liderado por Melissa Gualberto e Thaís França, o grupo reuniu na tarde do dia 09, no bairro Santo Agostinho, um grupo seletivo para o lançamento do Vivence Prime.

A nova vertical do coletivo nasce com o propósito de fortalecer autoridade, posicionamento e visibilidade para os negócios das integrantes. O evento aconteceu na Clínica Dra. Junia Fonseca. A Biomédica Esteta recebeu as convidadas em seu lindo espaço e

apresentou as especialidades e as novidades da clínica durante o encontro, algumas participantes foram contempladas com procedimentos realizados com novas tecnologias estéticas.

A programação contou ainda com uma oficina criativa comandada por Carmen Santos, proprietária da loja Anjo e Cia, que trouxe trocas de experiências e estímulo ao olfato através do artesanato.

Para fechar a tarde, foi servido um coquetel assinado pelo buffet Kikasa pensado especialmente para a ocasião.

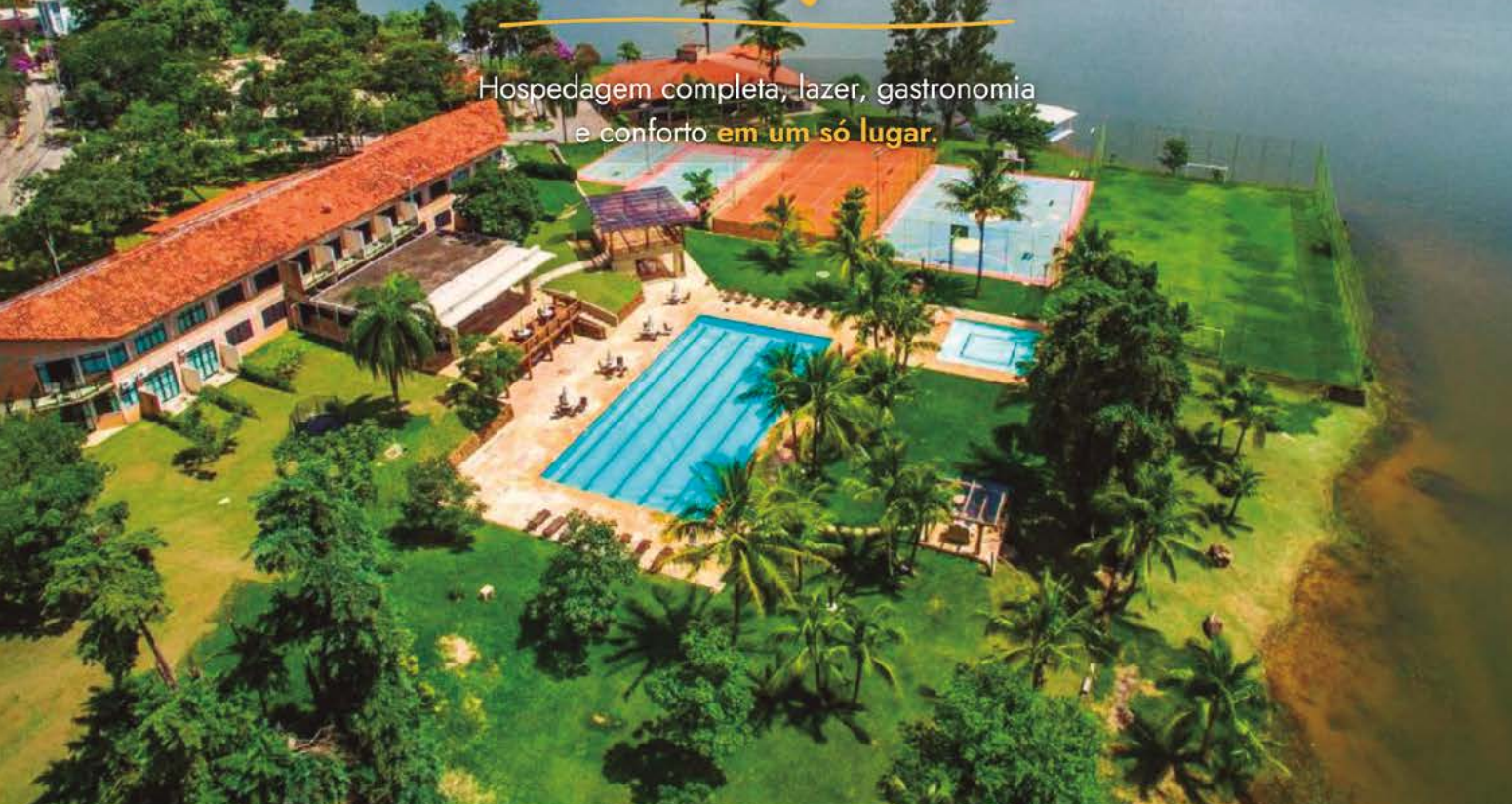
Leve, elegante e inspirador. Assim foi o primeiro encontro do Vivence Prime, que marca o início de uma nova fase para o grupo: mais conexão, mais estratégia e mais protagonismo feminino.





Tudo o que espera por você *no Hotel Lago do Sol!*

Hospedagem completa, lazer, gastronomia
e conforto **em um só lugar.**



Um refúgio à beira
da represa Benfica, a
70 km de Belo
Horizonte.

Natureza, lazer, esportes náuticos e o
melhor da hospitalidade mineira se
encontram — **com café da manhã,
almoço e jantar inclusos.**

LAZER & ESTRUTURA COMPLETA



Esportes
náuticos



Piscinas



Quadras



Suítes



Academia



Gastronomia



Sauna



SUÍTES COM HIDROMASSAGEM



REPRESA BENFICA

Reservas WhatsApp 37 99944-0065

hotellagodosol.com · @hotellagodosol · Itaúna—MG

Deixamos o melhor para o final.

A solução completa para a comunicação visual do seu negócio.

Comunicação visual:

sinalização, displays, painéis publicitários, banners, letreiros, adesivação de frota.

Resultados incríveis em:

sacolas, caixas, agendas, pastas e envelopes, cadernos, calendários, catálogos e toda linha editorial.

Portfólio diversificado e uma equipe dedicada para transformar ideias em soluções de alto impacto.

☎ (31) 9 8854 8351
✉ vendas@ciadacor.com.br
📷 @cia.da.cor

